



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Dinâmica de casal de avós no caso de presença de doença crónica: uma leitura Relacional-Simbólica

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Ana Cristina Sousa Carvalho

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

FEVEREIRO 2018



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Dinâmica de casal de avós no caso de presença de doença crónica: uma leitura Relacional-Simbólica

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Ana Cristina Sousa Carvalho

Sob a Orientação do Prof. Doutor **Ricardo Jorge de
Oliveira Pinto Peixoto**

Resumo

O presente estudo, assenta na Perspetiva Relacional-Simbólica e tem como objetivo geral, o conhecimento das dinâmicas de um casal de avós no caso da presença de uma doença crónica num dos elementos. Neste sentido, foi utilizada a Entrevista Clínica Generacional, que se constitui como um instrumento qualitativo que permite estudar as mudanças generacionais em diversas situações de vida de casal. O estudo realizou-se com um casal de idosos, originário de uma pequena aldeia da região de Trás-os-Montes e Alto Douro. O elemento do casal do sexo feminino tem 76 anos e é reformada, e o elemento do casal do sexo masculino tem 77 anos, é reformado e padece de *Parkinson*. Os resultados indicam, aparentemente, que a doença não tem impacto significativo no que respeita às relações e dinâmicas familiares. A grã-parentalidade não é retratada, facto que pode ter sido comprometido, pela limitação da entrevista. Este estudo assume um carácter inovador, o que impossibilitou o acesso à devida informação e, por sua vez, ao estudo em profundidade da mesma. Contudo, acredita-se que a realização de estudos futuros, com a utilização deste instrumento, possa permitir o acesso a essa informação.

Palavras-Chave: dinâmica de casal; relação entre avós e netos; doença crónica.

Abstract

The present study, is based on the Relational-Symbolic Perspective and has, as its main objective, the knowledge of the dynamics of a couple of grandparents in the case of the presence of a chronic disease in one of the elements. In this sense, the Generational Clinical Interview was used, which is constituted as a qualitative instrument that allows to study the generational changes in several situations of a couples' life. The study was carried out with an elderly couple, from a small village in the region of Trás-os-Montes e Alto Douro. The couple's female element is a retired 76 years, and the male element of the couple is 77 years old, retired, and suffers from Parkinson's. The results apparently indicate that the disease does not have a significant impact on family dynamics and relationships. High parenting is not portrayed, which may have been compromised by the limitation of the interview. This study assumes an innovative character, which prevented the access to the necessary information and, in turn, the in-depth study of it. However, it is believed that future studies, using this instrument, may allow access to this information.

Keywords: couple dynamics; relationship between grandparents and grandchildren; chronic disease.

Índice

I Fundamentação Teórica	1
Introdução.....	1
1. Família sob o ponto de vista Relacional-Simbólico.....	2
2. Transição para a conjugalidade	3
3. Transição para a parentalidade	4
4. Transição para a grã-parentalidade	5
5. A relação entre avós e netos: o que aborda a restante literatura	6
6. A última transição: a família perante a morte	7
II Parte Empírica	9
1. Objetivos do Estudo	9
2. Método	9
3. Apresentação e Discussão dos Resultados	15
4. Conclusão	34
5. Referências Bibliográficas	37
Anexos.....	40

I Fundamentação Teórica

Introdução

O envelhecimento é um fenómeno biológico, psicológico e social que atinge o ser humano na plenitude da sua existência, modifica a sua relação com o tempo, o seu relacionamento com o mundo e com sua própria história (Teixeira, 2006).

Com o aumento da esperança média de vida, a diminuição da taxa de natalidade e progressos da medicina, assistimos atualmente a um processo de envelhecimento global, que marca a organização das famílias não só de um ponto de vista quantitativo, onde é visualizado um aumento de gerações, mas também a nível de uma transformação estrutural e da dinâmica familiar. A perspetiva Relacional-Simbólica, inserida num Modelo Sistémico, contempla a família como uma organização de relações primárias alicerçada sobre três diferenças: as diferenças respetivas ao género, as diferenças que se verificam entre gerações e entre linhagens, que almejam a continuidade de gerações, sendo que a matriz simbólica alimenta os vínculos das relações e dinâmicas nas diversas transições familiares (Scabini & Cigoli, 2000).

Assim, e decorrente do processo de envelhecimento surge a doença, presente na última transição familiar, e que se constitui como um evento crítico e que gera novas constelações familiares. Neste sentido, os filhos adultos têm agora responsabilidades e cuidados com os seus pais, cada vez mais dependentes, mas também com os seus próprios filhos (Scabini & Cigoli, 2000).

Aquando do surgimento de uma doença nos avós, a hemóstase da família é abalada carecendo de novas reavaliações e adaptações. Neste sentido, os papéis representados por cada membro na família vão sofrer modificações (Falcão & Maluschke, 2009).

Neste trabalho irão ser explanadas as diversas transições familiares, nomeadamente, a conjugalidade, a parentalidade, a grã-parentalidade e a transição para a morte. A fundamentação teórica insere-se nos objetivos do estudo, tais como, a exploração da dinâmica de casal aquando a presença de uma doença crónica no esposo e a exploração e compreensão da relação entre avós e netos aquando a presença de uma doença crónica nos avós. O estudo apresenta também um caráter inovador, na medida em que permite verificar se o instrumento utilizado possibilita o acesso à relação entre avós e netos aquando da presença de uma doença nos avós.

O instrumento utilizado foi a Entrevista Clínica Generacional adaptada em 2010 para a população Portuguesa (Gonçalves, Trigueiros, Peixoto, & Raguso, 2010a; 2010b; Raguso,

Facchin, Molgora & Gonçalves, 2010; Raguso, Peixoto, Gonçalves, Trigueiros, 2010a; 2010b).

1. Família sob o ponto de vista Relacional-Simbólico

Sob o ponto de vista Relacional-Simbólico a família é uma organização de relações primárias fundamentada sobre três diferenças: as diferenças respetivas ao género, as diferenças que se verificam entre gerações e entre linhagens, que têm como objetivo garantir a continuidade de gerações (Scabini & Cigoli, 2000). Desta forma a continuidade geracional da família não é apenas fruto da reprodução biológica, mas também é fruto da relação dos membros que compõem a família. Os vínculos familiares são alimentados e sustentados pela matriz simbólica da relação. Símbolo pode ser considerado tudo aquilo que une e que vincula entre si, partes diferentes sendo que, a matriz simbólica é composta por qualidades básicas que correspondem a qualidades éticas e afetivas e que formam a “espinha dorsal” de todas as relações familiares. Posto isto, as qualidades simbólicas são a *lealdade, confiança e justiça*. Estas qualidades assumem-se como uma medida implícita da dedicação ao vínculo, que permite responder de forma positiva o que se traduz positivamente na relação, assim como são bastante importantes nos momentos de crise que aparecem ao longo da vida familiar sendo que são expressões-chave não só da esfera afetiva das relações familiares, como também do seu poder ético (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2014).

A dinâmica que move os vínculos familiares entre géneros, gerações, linhagens sustentadas pela confiança, esperança e justiça está assente na trajetória circular de dar, receber e corresponder (Cigoli & Scabini 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2014). As relações e as suas dimensões simbólicas são o tecido da vida familiar, tecido este que não se encontra diretamente visível e observável.

A estrutura relacional-simbólica deve-se fazer emergir, ou seja, deve-se apreender na permuta da vida familiar, ao longo do qual a família se modifica e se desenvolve (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2014). No entanto nem todos os momentos que ocorrem ao longo da vida de uma família são igualmente favoráveis para apreender essa estrutura. Existem momentos felizes que são as “transições chave” da vida familiar, onde os passos cruciais da história de vida familiar marcados por eventos críticos imprescindíveis, notáveis por perdas de membros, nascimentos ou por novas relações com o mundo social (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2014). No

entanto também existem momentos críticos que são considerados pontos de viragem, onde se inicia um novo capítulo de história de vida familiar. Estes momentos originam a mudança de relações familiares, uma vez que as modalidades de funcionamento precedentes não estão mais ajustadas à meta. Assim sendo, para enfrentar a nova situação, a família precisa de recorrer aos seus recursos internos e externos. Parecem assim emergir as estratégias de *copping* e todo o processo de resiliência que permitem com que a família consiga ultrapassar os momentos críticos (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2014).

2. Transição para a conjugalidade

O casal é um subsistema que organiza relações primárias, este compreende dois eixos relacionais: o conjugal e o parento-filial. No que concerne ao eixo conjugal este é assente na diferença de género. Por outro lado, o eixo parento-filial assenta na interação geracional, na qual a geração mais velha assume uma maior responsabilidade sobre a geração mais nova (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000;).

Uma relação conjugal estabelece-se através de um pacto de confiança que abarca uma componente ética e uma componente afetiva da relação. Assim sendo, a componente ética, diz respeito ao compromisso de respeitar o pacto e de cumprir todas as obrigações provenientes do pacto, e é determinada logo no casamento através da promessa de fidelidade em qualquer circunstância de vida do casal. O polo afetivo refere-se aos aspetos íntimos da vida de casal, à atração sentida um pelo outro e pela atenção afetiva recíproca (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli & Scabini, 2014)

A transição para a conjugalidade tem como tarefa a formação de um pacto conjugal que é constituído pelo pacto declarado e pelo pacto secreto. O pacto declarado é a declaração explícita do compromisso, sendo que o pacto secreto engloba processos inconscientes (Pincus & Dare, 1987), como a atração a simpatia e os ideais, as expectativas, os medos e os valores que cada conjugue trás da sua história familiar e que quer satisfazer na sua relação conjugal, sendo a base para a relação conjugal, para a função parental e para a transmissão geracional (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A transição para a conjugalidade tem como objetivo a construção da identidade de casal sobre a base afetiva e normativa ao longo das tarefas de desenvolvimento. Estas tarefas afetam tanto a relação conjugal como a relação estabelecida com a família de origem e com a comunidade de pertença. Assim sendo, as tarefas de desenvolvimento enquanto conjugues

passam pela criação de reciprocidade nas diversas áreas da vida. A diferença de gênero, de história de vida e de traços de personalidade, que constituíram para o outro a fonte de preferência e de atração no namoro, são no vínculo conjugal colmatadas pela reciprocidade de responsabilidade e de atenção que permite a união expressa entre o casal. A identidade de casal apoia-se em aspetos éticos e aspetos afetivos de recíproca atenção. Trata-se fundamentalmente em reconhecer o valor do outro e da relação com ele, comprometendo-se na manutenção da relação. As tarefas de desenvolvimento enquanto filhos passam sobretudo por ter uma nova relação com as famílias. Falar de formação de casal significa ter presente um sistema trifamiliar composto pelo novo casal e pela família de origem de cada um deles. O desafio passa por estabelecer um novo equilíbrio de lealdade, dando prioridade à conjugal sobre a geracional. Enquanto membros de uma comunidade social, o casal deve reconhecer as pertenças recíprocas às redes sociais formais e informais de ambos constituindo uma nova rede relacional comum (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2014).

3. Transição para a parentalidade

O nascimento de um filho representa uma transição chave por excelência. Este momento marca a centralização do casal no seu filho. Desta forma, o evento da chegada de uma criança desencadeia novas relações e papéis em toda a família: o casal passa a assumir o papel de pais, os pais do casal assumem agora o papel de avós, e por sua vez, os irmãos do casal de tios (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2014). O objetivo desta transição para a parentalidade consiste numa união de casal que passa agora a assumir uma *responsabilidade progenitora compartilhada*, ou seja, a formação de um pacto progenitor que se distinga do pacto conjugal já estabelecido pelo casal. A elaboração do pacto progenitor não acontece de forma automática, mas exige ao casal tempo e energias quer no plano afetivo quer no plano de compromisso de atenção. Assim, o nascimento de um filho representa o fruto da relação do casal. O surgimento de eventos críticos e *stressores* nas relações familiares acarretam que haja uma redefinição das relações e das fronteiras do sistema (Scabini & Cigoli, 2000). O casal precisa regular a distância e a proximidade com os filhos, administrando o papel parental de forma a não menosprezar o papel conjugal, facto que muitas vezes acontece no seio das famílias (Cigoli & Scabini 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Nas etapas que se seguem ao nascimento, o casal deposita toda a sua atenção progenitorial no seu filho, assegurando assim a sua proteção. Nesta fase, o objetivo central de

entreada é o de preparar uma “base segura” para o seu filho (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2014). Durante o processo de crescimento dos filhos, as funções parentais vão sendo alterada, sendo que nesta fase, a tarefa do casal passa por oferecer ao filho um contexto que lhe permita adquirir a sua singularidade, ao mesmo tempo que, se começam a gerar o sentido os valores, as normas e as limitações (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2014). Quando os filhos estão já na fase da adulta, e formam a sua família nuclear, o casal passa, em vários momentos, da generatividade parental para a generatividade social, em que o objetivo é preservar e reinventar a cultura, de modo a transmitir o sistema simbólico da mesma (Kotre, 1996). O foco central nesta fase volta a ser o casal e as suas relações sociais, apesar de continuar a desempenhar funções no sistema familiar (Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli & Scabini, 2006).

4. Transição para a grã-parentalidade

O momento de nascimento de um novo membro constitui-se como uma transição da vida familiar, que leva a inúmeras modificações na estrutura familiar. A chegada do novo membro marca a chegada de uma nova geração onde são definidas novas tarefas e papéis entre os novos pais e a geração anterior, mas também inicia uma nova dimensão temporal, ou seja, o tempo que resta para viver, ou de uma outra forma, o sentimento de finitude da vida, normalmente inconsciente, constituindo assim uma nova forma de generatividade (Scabini & Cigoli, 2000). Desta forma, a transição para a grã-parentalidade é uma transição que decorre da transição para a parentalidade. A nível intergeracional a chegada de uma criança marca uma nova etapa no relacionamento familiar, permitindo com que pais e avós reconheçam o seu valor comum enquanto pais (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Williamson (1991) refere que para o casal a experiência de serem pais os aproximam dos seus próprios pais, no sentido em que conseguem visualizar o homem e a mulher que estão por trás do pai e da mãe e apreciar o seu valor e experiências enquanto seres humanos e não apenas enquanto pais. Esta proximidade permite melhorar a relação e compreensão mútua, proporcionando uma nova profundidade na relação entre pais e filhos.

No entanto, a tarefa dos novos pais passa também por transportar e transmitir toda a história familiar o que implica uma ligação entre o casal que os separa das famílias de origem. Assim, a família de origem compreende que os novos pais têm a responsabilidade de educar os seus filhos, mas também de legitimar os seus pais como avós e de legitimar os seus filhos

como “atores principais” na continuação da história de vida familiar (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A posição ocupada pelos avós nas famílias pode ocorrer a nível central ou a nível periférico, envolvendo questões de autoridade, poder, tradição e relacionamento entre gerações ao longo do tempo (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). O nascimento do neto marca uma perda de centralidade. Os avós deixam de assumir um papel narcisista em favor do desenvolvimento dos netos, apoiando na educação dos netos e dando maior primazia à dimensão afetiva, muito recompensadora para avós e netos (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). A chegada dos netos marca essencialmente o início de uma nova tarefa de desenvolvimento, que assenta sobretudo na transmissão do património e valores familiares (Scabini & Cigoli, 2000). Uma outra fase dá-se no momento em que os indivíduos se tornam avó ou avô. Os avós no momento em que os seus filhos se tornam pais, precisam de redefinir a nova posição que irão ocupar entre gerações, devendo alterar a representação que têm dos seus filhos e desenvolver novos vínculos com os netos, constituindo-se também como uma fase de individualização (Colorausso, 1990).

Os riscos intrínsecos a esta tarefa constituem um *continuum* instável, entre os pólos negativos de rutura intergeracional e a reprodução mecânica e indiscutível de representações intergeracionais (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

5. A relação entre avós e netos: o que aborda a restante literatura

O nascimento de um neto, para além de modificar toda a estrutura familiar também determina modificações na estrutura psíquica dos novos avós, que passarão assumir novos papéis e uma nova identidade (Kipper & Lopes, 2006). Ser avô implica o reconhecimento do seu inevitável envelhecimento, de perda e de delegação de responsabilidades, constituindo-se assim, um acontecimento bastante marcante. Na família os padrões e as regras do sistema são transmitidos de geração em geração. A transmissão da continuidade familiar pode ser realizada para os netos de forma consciente ou inconsciente e patenteia-se como uma tentativa de triunfo sobre a morte. Assim, os avós podem regular as ações características da educação do neto e, inconscientemente, podem transmitir as ideias da primeira geração (Sampaio, 2008).

Neste cenário, os avós exercem um papel bastante importante, embora a relação destes com os seus netos possam ser inibidos ou incentivados pelos pais das crianças que atuam como mediadores da relação (Falcão & Maluschke, 2009).

Durante a infância um dos espaços de maior circulação das crianças é a casa dos avós: nela as crianças passam a maior parte do seu dia, vivenciando um conjunto de experiências muito importantes para a socialização das mesmas, influenciado assim a formação da sua personalidade (Dias & Silva, 2003; Ramos, 2014).

Desta forma, apesar dos avós representarem figuras centrais no desenvolvimento dos seus netos, a relação entre os mesmos depende de um grande número de fatores (Ramos, 2014). A localização geográfica dos avós é um preditor importante na relação entre avós e netos, sendo que a proximidade física entre os mesmos possibilita o fortalecimento de vínculos afetivos, bem como as relações de cuidado entre gerações (Ramos, 2014).

Relativamente à linhagem das relações, os netos mantêm uma relação afetiva mais próxima com os avós maternos comparativamente aos avós paternos que muitas vezes são vistos como distantes (Triadó, Martinez & Villar 2000; Diaz & Silva, 2003; Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010). Já no que se refere ao género, os rapazes tendem a perceber os avós como figuras distantes em relação às raparigas que tendem a manter um maior laço com os seus avós e a beneficiar em maior grau do afeto dos mesmos. Neste sentido as avós também se percebem mais próximas dos seus netos comparativamente aos avôs (Triadó, Martinez & Villar, 2000). No que concerne à idade, os netos percebem os avós com idades mais avançadas como figuras mais distantes. Desta forma, com o passar dos anos os avós deixam de ser figuras principais que tendem a ajudar economicamente e na prestação de cuidados dos netos e passam a ser cada vez mais figuras secundárias carentes de ajuda e de cuidados (Triadó, Martinez & Villar, 2000). Com o envelhecimento, podem surgir inúmeros problemas de saúde nos avós, que se constitui uma preocupação e uma sobrecarga para a família (Sampaio, 2008).

6. A última transição: a família perante a morte

O processo de envelhecimento marcado pela passagem gradual de uma posição autónoma e central para uma posição mais retraída e dependente, é a característica fulcral que marca esta fase. Assim sendo, a pessoa idosa deixa agora o “palco”, o que faz emergir os laços familiares e sociais simbólicos. Neste sentido, a nova geração adulta, assume agora, a primazia Geracional, que significa, garantir os cuidados indispensáveis tanto à geração precedente, como à geração sucessiva (Scabini & Cigoli, 2000). A “transferência” entre a primeira e a segunda geração é realizada através da transmissão, por parte do casal idoso, de elaboração da memória familiar e do acolhimento, e da receção e transmissão desse

patrimônio, por parte dos filhos. Pode-se considerar que a transição se completa quando a nova geração conseguiu interiorizar a presença da primeira geração, o que trará nova força para o seu caminho individual e familiar (Scabini & Cigoli, 2000).

A morte é um evento crítico que marca e domina a última transição, sendo que é constituída pela morte do conjugue, plena da centralidade na plenitude da vida e por fim a própria morte. Assim sendo, a palavra “transição”, assume neste caso características distintas, uma vez que, não é uma transição de uma fase da vida, mas uma transição que expressa a relevância de analisar os significados e os feitos da família da morte (Scabini & Cigoli, 2000). Nesta transição estão presentes alguns eventos críticos, que são a reforma, o ninho vazio, o nascimento dos netos (abordado anteriormente na transição para a grã-parentalidade) e a doença.

A reforma representa para o idoso o primeiro momento de perda de centralidade, e tem uma representação psicológica de perda de valor e de reconhecimento social, o que faz emergir sentimentos de inutilidade e vazio. A reforma também se pode assumir para o idoso como um momento positivo, no sentido em que existe uma maior aproximação afetiva ao conjugue, aos filhos, aos netos e aos próprios irmãos, que se encontram muitas vezes na mesma fase do ciclo de vida (Scabini & Cigoli, 2000). A doença de um membro da família, especialmente na forma crônica e/ou na invalidez, constitui um dos eventos mais críticos no percurso da família. Este facto deve-se não só às mudanças do ritmo de vida da família, mas também pelo significado que a doença assume dentro da família, uma vez que, evidencia a transição de uma geração que está a desaparecer para outra que é agora chamada a assumir primazia (Scabini & Cigoli, 2000). Neste sentido, a doença demanda aos membros da família a questionarem-se sobre o sentido geral do tecido das relações e a refletirem sobre o significado da vida e o que dentro das relações está “destinado” a herdar ou a “desaparecer”. Aquando do aparecimento de doenças “incuráveis” os idosos obtêm consciência do seu envelhecimento, o que leva à procura de equilíbrios e compromissos entre progressos e regressões, entre desespero e esperança e entre mortificação do seu declínio e salvaguarda da sua dignidade (Scabini & Cigoli, 2000).

O objetivo desta fase passa sobretudo por, aceitar receber ajuda e de oferecer suporte respetivamente para pais e filhos. Esta capacidade de prestar apoio aos pais idosos não é, no entanto, uma inversão de papéis no total, no sentido em que o filho nunca assumiu papel parental total para com os seus pais. Os portadores de riqueza de experiências, memórias, laços, sucessos e derrota são ainda os pais idosos (Scabini & Cigoli, 2000).

A diversidade de reações na família ao surgimento da doença na pessoa idosa, a capacidade de viver num espaço com essa doença e criar oportunidades de evolução e crescimento, ou mesmo a capacidade de não contemplar a doença como um obstáculo e um problema dependem do significado que esse acontecimento assume no seio familiar. O sofrimento e a fadiga, típicos da presença de uma doença podem revelar-se poderosos fatores na coesão de qualidades e valores que formam o património. A doença pode então fomentar uma aproximação entre gerações, garantido, por exemplo, que os filhos adultos, agora na linha da frente, se sintam responsáveis pela transmissão do património e valores familiares (Scabini & Cigoli, 2000).

II Parte Empírica

1. Objetivos do Estudo

O presente estudo tem como objetivo geral o conhecimento das dinâmicas de um casal de avós no caso da presença de uma doença crónica num dos elementos. Mais especificamente, este estudo almeja (i) conhecer e explorar a relação e a dinâmica de casal aquando da presença de uma doença crónica por parte do esposo; (ii) conhecer e compreender a relação entre avós e netos na presença de uma doença crónica nos avós e, (iii) verificar se a Entrevista Clínica Generacional resulta numa entrevista que permita aceder à relação entre avós e netos.

2. Método

O estudo insere-se numa metodologia qualitativa, sendo mais concretamente um, estudo de caso, uma vez que tem como unidade de análise o casal (Godoy, 1995) constituindo-se como objetivo de estudo neste trabalho.

O estudo de caso envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o caso, podendo este ser um indivíduo, uma comunidade, uma organização, um acontecimento, entre outras possibilidades (Coutinho & Chaves, 2002). No estudo de caso examina-se o caso de forma detalhada, em profundidade, no seu contexto natural, utilizando para isso, métodos apropriados, tendo como objetivo a compreensão, descrição ou exploração de acontecimentos e contextos. Esta abordagem metodológica é também apropriada em investigações que visem a procura de interação entre fatores, a descrição e análise de um

fenómeno, ou ainda a apreensão da dinâmica de um fenómeno (Yin, 1994). Este estudo enquadra-se no último tipo.

Os estudos de caso evidenciam inúmeras vantagens, uma vez que, estimulam novas descobertas, em função da flexibilidade do seu planeamento; enfatizam a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo e apresentam simplicidade nos seus procedimentos, além de permitir uma análise em profundidade dos processos e das relações entre eles (Ventura, 2007).

O estudo da família implica a recolha de dados familiares que permitam aceder à informação acerca do relacionamento familiar (Lanz & Rosnati, 2002). Neste sentido, a nível metodológico, os dados não são independentes, devido à mútua influência dos diversos elementos da família, o que leva a que os instrumentos utilizados possibilitem o acesso à complexidade da rede familiar e evidenciem a relação entre acontecimentos que isoladamente podem ser interpretados de forma divergente (Cole & McPherson, 1993).

Assim, para a realização deste estudo apenas foi utilizada a Entrevista Clínica Geracional (Gonçalves, Trigueiros, Peixoto, & Raguso, 2010a; 2010b; Raguso, Facchin, Molgora & Gonçalves, 2010; Raguso, Peixoto, Gonçalves, Trigueiros, 2010a; 2010b), no sentido de conhecer e compreender se o instrumento acede à complexidade da rede familiar e à existência de acontecimentos, como a doença, na dinâmica familiar. Após a realização da entrevista será realizada uma análise de toda a informação mediante a classificação da entrevista, segundo o procedimento descrito por Cigoli & Tamanza (2009a), através de uma análise de conteúdo, sem suporte informático.

A análise de conteúdo compreende um conjunto de técnicas almejando a procura do sentido ou dos sentidos de um documento (Campos, 2004). Neste sentido, Bardin (1977) configura a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza métodos e procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. O conteúdo de uma comunicação é tão rico que leva a que o investigador possa ter uma variedade de interpretações, onde se deve ter presente, para além do conteúdo manifesto, o conteúdo latente, vislumbrando o campo objetivo e o campo simbólico (Campos, 2004). Assim, no âmbito da perspectiva Relacional-Simbólica e no modelo subjacente ao instrumento, pretende-se analisar as afirmações, do casal ao longo da entrevista, tentando encontrar uma linha condutora na história familiar e nos distintos acontecimentos contados.

2.1 Participantes

O estudo foi feito com um casal originário de Norte de Portugal, mais concretamente de uma pequena aldeia da região de Trás-os-Montes e Alto Douro. O elemento do casal do sexo feminino (A.) tem 76 anos e é reformada. O elemento do casal do sexo masculino (F.) tem 77 anos é reformado e padece de *Parkinson*. Ambos os elementos do casal detêm baixa escolaridade, mais exatamente, o 4º ano de escolaridade. É o primeiro casamento de ambos, têm 7 filhos com idades compreendidas entre os 36 e os 53 anos e 12 netos com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos de idade.

F. e A. são provenientes de famílias numerosas e com escassos recursos económicos.

2.2 Instrumento

A entrevista que será utilizada será a Entrevista Clínica Geracional (Anexo I), adaptada à população Portuguesa em 2010 (Gonçalves, Trigueiros, Peixoto, & Raguso, 2010a; 2010b; Raguso, Facchin, Molgora & Gonçalves, 2010; Raguso, Peixoto, Gonçalves, Trigueiros, 2010a; 2010b).

A Entrevista Clínica Geracional é um instrumento qualitativo que pode ser utilizada tanto em contextos de investigação como em contextos clínicos, estando orientada para o estudo de mudanças geracionais, em várias situações da vida de casal, para a avaliação clínica e para a intervenção psicológica. Assim sendo, este instrumento é estruturado em três dimensões: origens de cada membro, constituição do casal e desenvolvimento da relação de casal e a passagem e transferência à geração subsequente.

A entrevista é constituída por componentes verbais e componentes gráfico-simbólicas integradas de forma, a que os elementos do casal consigam refletir e verbalizar a sua própria experiência familiar bem como de refletir sobre o diálogo familiar. Contudo, neste estudo optou-se por não utilizar as componentes gráfico-simbólicas. Após a realização da entrevista e subsequente análise da informação por meio de codificação obtém-se três classificações em cada uma das três dimensões, sendo elas a Fecunda; a Ambivalente e a Falida não estando ainda validadas para a população portuguesa (Cigoli & Tamanza, 2009b).

A *primeira dimensão*, corresponde às *origens de cada membro do casal* (Cigoli & Tamanza, 2009b)

Casal de *Origens Fecundas* caracterizado pelo casal que consegue ter uma abertura para reconhecer as famílias de origem como uma fonte de identificação benéfica, não se fechando na sua própria família;

O casal de *Origens Falidas* caracterizado pela existência em simultâneo de abuso e de indiferença, de ordem material, ou sexual ou psicológica, com empreendimentos recorrentes de alienação de um dos pais ou de uma das famílias de origem. O casal experiencia sentimentos de angústia, terror, desespero e desconfiança.

O casal de *Origens Ambivalentes* é caracterizado pela ocorrência de falhas importantes, como a ausência ou o abandono de algum dos membros. A relação de casal com a família de origem é marcada por crises explosivas e crises silenciosas, existindo sentimentos de ódio, repúdio, hostilidade e confusão, ao mesmo tempo que existem identificações positivas. Pode ocorrer no casal por um dos membros ser de origens falidas.

A *segunda dimensão*, corresponde à *constituição e desenvolvimento da relação de casal* (Cigoli & Tamanza, 2009b)

O Casal de *Origens Falidas* é caracterizado pela existência de capacidade de cada um dos membros investir no laço que os une, reconhecendo no outro o que faz pelo próprio, independentemente dos defeitos. Diz respeito à capacidade de partilhar alegrias, dores, saúde e doença e de expressão de momentos construídos por cada membro do casal dotados de significados.

O casal de com *Relação Falida* é caracterizado por uma espécie de “anti-relação”, uma vez que ocorrem tentativas sistemáticas de explorar as fraquezas do outro. É frequente nestes casais, existirem sentimentos de desprezo, ocorrência de episódios de violência física, existência de perturbações na sexualidade do casal e um ambiente de humilhação.

O casal com *Relação Ambivalente* é caracterizado pela recorrência de sentimentos de perigo, como do seu fim, e sentimentos de isolamento e marginalização, seja de vivência de contrição e aprisionamento, existindo tentativas de libertação conscientes ou inconscientes, na relação com o outro. Uma outra característica deste casal é a dificuldade do casal em desenvolver vivências de alegria ou dor em conjunto.

A *terceira dimensão*, corresponde à *passagem e transmissão à geração seguinte* (Cigoli & Tamanza, 2009b)

O casal de *Passagem Fecunda* capaz de investir no presente e futuro ligando-os ao passado, conseguindo também abordar os desafios presentes. Este casal é caracterizado pela

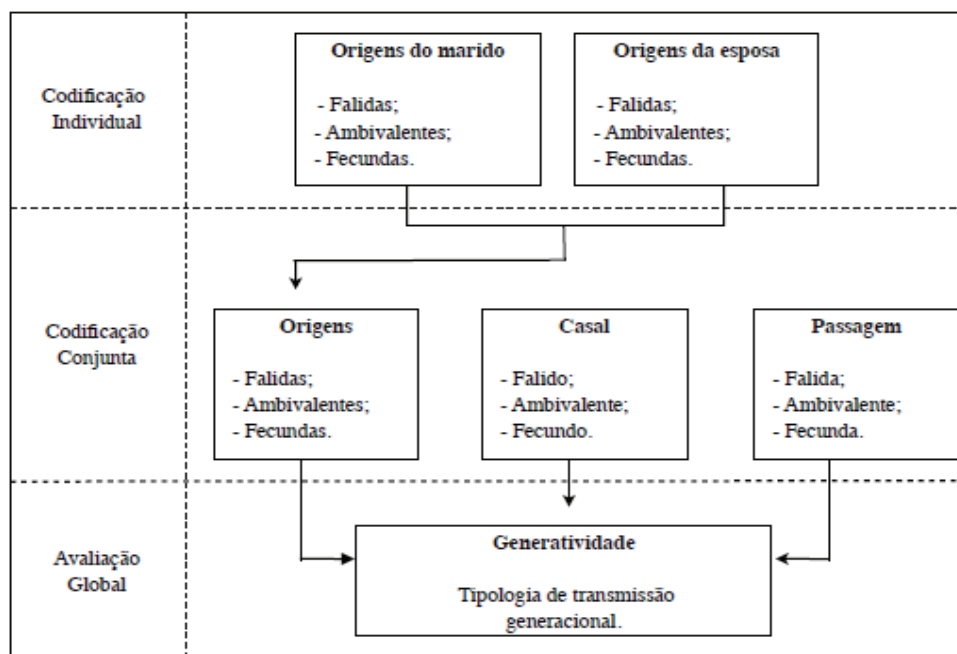
forma como consegue lidar com os medos e dúvidas e pela forma como consegue reconhecer a especificidade de cada filho.

O casal que apresenta uma *Passagem Falida* é incapaz de realizar a passagem. Este casal acredita que cada um deve construir a sua própria vida e que os laços deixaram de existir. Os filhos deste casal vivenciam uma projeção em si da incapacidade parental em lidar com os acontecimentos de vida, ou acabam por interligar os seus próprios problemas à genética e a fatores sociais.

O casal que apresenta uma *Passagem Ambivalente* é caracterizado pela intenção de passagem dos valores, mesmo das suas famílias de origem, sentindo sentimentos de medo pela incapacidade de conseguir realizar essa passagem e atribuindo a culpa a fatores externos a falta de sucesso. Este casal também experiencia sentimentos de angústia em relação ao futuro.

Os dados são analisados de forma combinatória segundo uma matriz tridimensional (Origens, Relação e Passagem), que diverge em três posições (Fecunda, Falida e Ambivalente), originando 27 combinações de perfis possíveis (Figura 1), sendo que cada um dos perfis tem uma sequência específica de valores nas três dimensões.

Figura 1. Processo de codificação da generatividade do casal. Cigoli & Tamanza (2009b), p.95.



Cigoli e Tamanza (2009b) apresentam 3 características que possibilitam agrupar as 27 combinações possíveis.

A *Composição* que se refere ao conjunto de valores encontrados nos três eixos, variando entre Homogêneo, Prevalente ou Heterogêneo conforme apresentem todos o mesmo valor, apenas dois apresentam o mesmo valor ou todos apresentam valores diferentes.

A *direção* reporta-se à sequência lógico-temporal dos eixos e assinala a presença e a direção de modificações, podendo existir, perfis sem modificação, com modificação ascendente em que se passa de uma modalidade menos funcional para uma modalidade mais funcional, como modificação descendente (o inverso) e com modificações constantes (ascendentes e descendentes).

A *Intensidade da Modificação* é definida pela distância entre valores assumidos nos eixos, que podem alternar entre a não variação, variação mínima (passando, por exemplo de Falido para Ambivalente), variação máxima (por exemplo, de Fecundo para Ambivalente) e variações múltiplas (uma variação máxima e uma mínima).

Finalmente, procedendo-se ao cruzamento dos Eixos com a classificação que cada um pode ter e tendo em consideração as características de Composição, Direção e Intensidade de Modificação temos as seguintes classificações:

Misero, Bloqueado ou Fértil, quando pelo menos dois eixos tenham a mesma classificação, (Falida, Ambivalente ou Fecundo); *Evolutivo ou Falido* quando existe um progresso na direção de modalidades mais funcionais, ou declínio dos processos dos processos construtivos na passagem geracional; *Caótico* quando existe uma composição heterogênea, Direção, contrastante e Intensidade de Modificação múltipla; e *Inverostmi* quando pelo menos dois eixos tenham a mesma se existir dupla passagem contrastante e de Intensidade da Modificação máxima.

2.3 Procedimento

A entrevista foi realizada, ao longo de uma manhã, num local sossegado e não propenso a interrupções. Inicialmente foi explicado o objetivo do estudo e dada a garantia da confidencialidade de toda a informação e do anonimato dos participantes, bem como da possibilidade de suspensão da entrevista a qualquer momento, podendo eventualmente não ser retomada. Após a autorização do casal, e dado o consentimento informado (Anexo II) procedeu-se à gravação de áudio da entrevista, de forma a não perder informação e a agilizar o processo de análise da mesma.

Os elementos pictóricos compreendidos na versão original da entrevista não foram utilizados, uma vez que, a entrevista ainda se encontra em fase de adaptação à população portuguesa.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

A apresentação e discussão dos resultados serão apresentadas na mesma secção, uma vez que, permite organizar e agilizar melhor toda a informação, tendo em conta que a entrevista é muito extensa. Neste sentido, a discussão dos resultados será realizada à medida que os mesmos são apresentados.

O processo de análise pode partir de um modelo teórico que determine as categorias subcategorias, ou pode partir da necessidade de constituir categorias e subcategorias subjacentes à análise de várias leituras (Bardin, 1977). Neste estudo, partiu-se da “divisão” natural do instrumento, onde as categorias correspondem aos eixos da entrevista (Eixo 1- Origens, Eixo 2- Relação, Eixo 3 Passagem) e as subcategorias a cada pergunta que integra cada eixo. A codificação (Anexo III) de cada categoria foi feita mediante o eixo a que cada pergunta pertencia. É de referir que no Eixo 1 foram codificadas as respostas dos dois elementos do casal. Assim, a título de exemplo, a codificação EIP1A, refere-se ao Eixo 1, Pergunta 1, resposta de A. Findo esta análise, é realizada uma análise dos dados tendo em conta o contexto do ciclo de vida familiar e, por fim, é feita uma análise sobre o alcance da entrevista na relação entre avós e netos na doença dos avós.

A tabela 1 mostra essa codificação, através do cruzamento do Eixo (Categoria) com cada Pergunta, dando origem à Subcategoria.

Tabela 1. Codificação das subcategorias

		Pergunta								
		1	2	3	4	5	6	7	8	9
		E1P1	E1P2		E1P4	E1P5	E1P6	E1P7		
E	1	E1P1A	E1P2A		E1P4A	E1P5A	E1P6A	E1P7A		
		E1P1F	E1P2F		E1P4F	E1P5F	E1P6F	E1P7F		
I	2	E2P1	E2P2	E2P3	E2P4	E2P5	E2P6		E2P8	
									E2P8.1	E2P9
X									E2P8.2	
O	3	E3P1	E3P2	E3P3	E3P4	E3P5	E3P6			

A primeira categoria (origens) analisa cada elemento do casal e está dividida em 6 subcategorias, por cada membro do casal.

A subcategoria **E1P1** refere-se à capacidade representacional de cada conjugue (desdobrada em E1P1A e E1P1F), dividindo-se esta, em aspetos afetivos e aspetos cognitivos. Não diz respeito, apenas à família de origem de cada elemento do casal, mas também lugares, gerações precedentes, tradições, parentes, relações sociais e momentos históricos. A taxonomia varia entre mentalização pobre de conteúdo com efeito carente e disfuncional e mentalização rica de conteúdo e a presença de sentimentos positivos ou ambivalentes, passando por mentalizações de conteúdo e de sentimento duvidosos, contraditórios e idealizantes (Cigoli & Tamanza, 2009a).

No caso de A. a resposta a esta questão foi bastante curta, relatando apenas, memórias sobre o momento em que começou a trabalhar, ainda muito nova, e sobre o momento que se casou, completando com a ideia que depois continuou na sua vida de trabalho e familiar. Mencionou ainda que, ela e o marido estiveram os dois sempre juntos, que tiveram nove filhos e que dois faleceram¹. Contudo, ao longo da entrevista A. relatou, telegraficamente, algumas memórias sobre a sua família de origem² e sobre a sua infância. Não obstante, as memórias sobre a sua infância evidenciavam alguma mágoa e tristeza, traduzindo-se em memórias pouco positivas³. Uma das experiências pouco positivas mencionadas por A. foi o facto de ir trabalhar desde muito nova e ter que ajudar a sua mãe e os seus irmãos. Embora, na época em que A. era criança fosse natural as crianças trabalharem desde muito novas, como ajuda à subsistência das famílias que eram bastante numerosas, o relato de A. sobre a experiência de trabalhar desde os seus 10 anos evidencia alguma tristeza e mágoa. Assim sendo, a classificação tipológica é “Falido”, correspondente a uma classificação taxonómica “Mentalizações pobres de conteúdo e com efeito carente e disfuncional”, visível na ausência de descrição de memórias ricas em conteúdo e em sentimentos positivos sobre a sua infância,

¹ “[...] fui servir com 10 anos para casa de outros senhores [...] tomar conta de crianças [...] além das crianças, fazia-se tudo que era preciso, e assim estive até [...] sempre nesse serviço até que me casei e é isso [...] depois continuei na minha vida, ter filhos, trabalhar em casa, trabalhar no campo, e continuou, continuámos no mesmo [...] os dois claros, sempre juntos, tivemos 9 filhos, temos 7, morreram 2 pequenos e é assim [...]”

² “[...] ele (refere-se ao pai) era moleiro, a minha mãe andava sempre a acompanhá-lo [...] por aí fora a colher centeios para moer, e a minha mãe andava aqui de volta com ele e com um animal [...] e a minha mãe levava à cabeça, levava as coisas, acarrava tudo às costas [...] somos 6 irmãos [...]”

³ “[...] mas a minha mãe ajudei-a a sobreviver e ajudei-a a criar os meus irmãos mais novos [...] depois dos 10 anos vivi sempre a minha custa [...] e ainda fui ajudar os outros [...] nunca fui à escola [...] andei para a escola para aí uns 4 ou 5 meses [...] estou que nem tanto porque fui obrigada, mas já estava a servir [...]”

família de origem, acontecimentos históricos, tradições, lugares, relações sociais, e na centralização da resposta em momentos que ocorreram depois do casamento.

No caso de F. a resposta a esta questão foi também uma resposta telegráfica, onde o mesmo apenas mencionou que andou a guardar ovelhas, relatou genericamente a sua ida para a tropa e sua vinda que terminaria no casamento com A.¹ Não obstante, ao longo da entrevista, F. relatou mais algumas memórias sobre a sua infância e sobre a sua família de origem². No entanto, a descrição destas memórias também foi bastante genérica, escassas de conteúdo e com a presença de sentimentos negativos. Assim sendo, a classificação tipológica é “Falido”, correspondente a uma classificação taxonómica “Mentalizações pobres de conteúdo e com efeito carente e disfuncional”, visível na ausência de acontecimentos ricos em conteúdo e em sentimentos positivos.

A subcategoria **E1P2** (desdobrada em E1P2A e E1P2F) de forma a enfatizar a presença de momentos importantes da vida familiar, introduz a diferença quotidiano e ritual, como algo a que se atribui valor e significado com o tempo. A classificação taxonómica pode variar entre ausência de ritualidade; presença de ritualidade pobre, incerta e contraditória; ritualidade social-participativa e ritualidade familiar ativa e reconhecida (Cigoli & Tamanza, 2009a).

Na família de A. a ritualidade é evidente no Natal³, referindo a importância desse dia para a família⁴. O trabalho na família de A. assume supra relevância, principalmente tendo em conta a época, onde os filhos trabalhavam desde muito novos, e o facto de o pai de Alzira, não consentir que a mesma fosse trabalhar no dia de Natal revela a importância em torno deste ritual. Assim, a classificação tipológica é “Fecundo”, do tipo “Ritualidade Social Participativa”, visível na forma como A. se refere à reunião com os seus pais e irmãos.

Na família de F. verifica-se que a ritualidade era evidente também no Natal⁵, embora F. apenas tivesse referido há reunião da família em volta da mesa, e não se tivesse alargado na descrição de acontecimentos e momentos familiares e sociais dessa festividade⁶. Nesta

¹ “[...] andei a guardar ovelhas, andei a tocá-las a pé de Barroso para aqui e de Montalegre para Chaves. E depois até fui para a topa, para o serviço militar, estive no ultramar e vim e casei-me como vê. Fomos para o mesmo trabalho [...]”

² “[...] andei a guardar ovelhas” [...] no monte com um rebanho de cabras [...] ía para o monte e andava todo o dia, de manhã à noite [...] cheguei a guardar 60 cabeças de gado no monte, eu sozinho [...] os meus pais não fizeram e podiam ter feito e não fizeram (refere-se a uma casa) [...] venderam o que tinham e ficaram desprotegidos de tudo [...] andavam sempre com a tenda às costas [...]”

³ “[...] na minha casa era o Natal [...]”

⁴ “[...] na minha casa na noite de Natal tínhamos que estar sempre todos juntos [...] mas quando era noite de Natal, ainda que os patrões pedissem que fosse, que eu era preciso ficar, ele (pai) não deixava [...]”

⁵ “[...] eu quase igual ao dela [...]”

⁶ “[...] comia nessa noite de nomeadas [...]”

questão, foi evidente a fuga de F. à resposta, centrando o seu relato, na descrição de acontecimentos sobre a sua relação com os seus pais e irmãos, discutida noutra subcategoria. Neste sentido, a classificação tipológica, é “Ambivalente” e a classificação taxonómica é “Presença de ritualidade pobre, incerta e contraditória”, visível na ausência da descrição de acontecimentos e memórias em torno da ritualidade e na fuga à resposta.

A subcategoria **E1P4** refere-se à existência de regras no seio familiar que, delimitam e enquadram a vida dos membros familiares. Estas regras não são regras escritas, mas regras de vida familiar e regras de relação dos membros da família com o mundo exterior. A classificação taxonómica pode variar entre: falta de regras; presença de regras rígidas e opressivas; presença de regras formais não interiorizadas e presença de regras participativas e construtivas (Cigoli & Tamanza, 2009a). Esta subcategoria desdobra-se em E1P4A e E1P4F.

No caso de A. quem demarcava as regras familiares era o pai¹. Tal como na família de A. na época, o meio-sociocultural era marcado pela dominância da figura paterna, o que se traduzia na responsabilidade do mesmo, em delimitar as regras e normas de funcionamento familiar, outorgando ao marido primazia sobre mulher e filhos. No relato de A. é possível verificar a existência de regras rígidas na relação familiar com o mundo exterior², visíveis no facto do pai de A. querer que a sua família estivesse em casa, por muito que não tivessem nada para comer. O relato desta memória pressupõe inexistência, no seio familiar, da discussão e negociação das regras que parecem ser aceites e cumpridas por toda a família. Neste sentido, a classificação tipológica é “Falido” do tipo “Presença de regras rígidas e opressivas”. No caso de F. apenas se pode verificar que quem delimitava as regras familiares era a mãe³. Assim sendo, na família de F. não se verificava, como era comum na época, a supremacia do marido sobre a sua mulher e filhos. Embora F. apenas tenha referido que quem delimitava as regras familiares era a sua mãe e não tivesse alargado o seu discurso, A. mencionou, durante a entrevista, que a mãe de F. era rígida, enumerando alguns acontecimentos em torno da afirmação⁴. Não obstante, esta afirmação não revela a presença de regras familiares nem a descrição das mesmas. Assim sendo, a classificação tipológica é “Falido” do tipo “Falta de regras”, visível na ausência da descrição de regras familiares.

¹ “[...] era o meu pai [...] ele é que fazia isso claro [...]”

² “[...] a minha mãe muitas vezes ia ajudar os vizinhos e ia ajudar os vizinhos a trabalhar no campo e não comia nada na casa dos senhores, tinha que vir para casa [...] ele queria ali as pessoas e ali estavam, nem que não tivessem nada de comer em casa [...]”

³ “[...] era a minha mãe [...] mandava mais ela do que ele [...]”

⁴ “[...]a mãe dele era mais rígida [...] se o pai lhe ralhava depois ela estava sempre a assinar [...] batia muito nos filhos [...]”

A subcategoria **E1P5** possibilita caracterizar as relações com as origens (mãe, pai, irmão(s), outras figuras particularmente significativas). O relacionamento com amigos e outras figuras significativas, também fornece dados sobre a abertura ou a não abertura da família com o meio exterior. A classificação varia entre carente/instrumental e o construtivo/expansivo, passando pelo duvidoso e contraditório (Cigoli & Tamanza, 2009a). As perguntas da subcategoria E1P5 foram realizadas todas em simultâneo, o que poderá constituir uma limitação em termos de riqueza de conteúdo, uma vez que compromete a profundidade das respostas. Contudo, as subcategorias serão analisadas individualmente.

No que concerne à mãe, A. refere que era bastante unida, referindo dois episódios sobre a sua relação com a mãe em que se denotou alegria¹. A proximidade da mãe com A. ficou bastante evidente, no relato destes episódios. Um dos episódios, narrou que a mãe nunca lhe bateu, mas que, houve um dia que lhe deu um safanão e que A. fingiu que a mãe a tinha magoado, só para a assustar. O segundo episódio A. descreveu que a sua mãe, quando lhe davam alguma coisa para comer no trabalho, apenas retirava um bocadinho e o restante guardava para os seus filhos. Nestes episódios A. demonstrou alegria, rindo-se até bastante, quando narrou o primeiro episódio, para além de ter demonstrado, claramente a ligação da sua mãe não só com ela, mas com todos os filhos. Neste sentido a classificação é “Fecundo” e a classificação taxonómica é “Construtivo/Expansivo”.

Relativamente à relação com o pai, A. menciona, no seu relato, que *normalmente* gostava muito do seu pai.² Esta passagem, em que A. utilizou a palavra *normalmente* para se referir ao sentimento que tinha pelo seu pai, apela logo à reflexão sobre quais eram os momentos em que A. pudesse não ter o mesmo sentimento. A inexistência, no relato, de episódios positivos, memórias onde fosse possível verificar a ligação com o seu pai, relatando apenas o facto do seu pai ser muito unido à família,³ aliada ao facto de A. se ter referido à morte do mesmo como um acontecimento que não lhe causou grande dor⁴, uma vez que, o mesmo a teria magoado muito em vida⁵, poderão explicar quais eram os momentos em que A.

¹ “[...] nunca me lembro da minha mãe me ter posto um dedo em cima para me bater [...] às vezes a alguma casa que lhe dava alguma coisa, ela partia um bocadinho de pão para comer, metia-o assim entre o seio para trazer para nós [...]”

² “[...] mas normalmente eu gostava muito do meu pai [...]”

³ “[...] ele se tivesse só um ovo, ele, aquele ovo era dividido por todos [...] era muito unido à família, mas tinha as suas coisas [...]”

⁴ “[...] mas quando morreu eu não sentia nada que ele morresse. não sentia nada, nem me deu vontade de chorar, nem nada, porque pronto fez muitas [...]”

⁵ “[...] meu pai era muito rígido [...] batia-nos, dava-nos pancada muitas vezes [...] era muito mau [...] batia-nos muito, a mim e à minha mãe [...]”

não gostava muito do seu pai. Assim sendo, a classificação “Ambivalente”, correspondente à classificação taxonómica “Duvidoso/ Contraditório.

A relação de A. com os seus irmãos não foi retratada na resposta. Menciona apenas que a família é muito unida¹. Neste sentido, e tendo em conta a resposta bastante curta de A. torna-se inviável realizar a classificação.

No que diz respeito a outras figuras particularmente significativas, A. não refere nenhuma. Assim sendo, a classificação desta questão é impraticável.

No caso de F. a relação com a mãe era marcada pela existência de algum conflito, referindo até existência de alguma violência física². A par desta situação não existe nenhum relato de episódios, memórias ou acontecimentos positivos da relação de F. com a sua mãe.

Neste sentido, a classificação tipológica é “Falido”, correspondente à classificação taxonómica “Carencial/ Instrumental”.

A relação de F. com o seu pai, é igualmente marcada pela mágoa devido ao facto de o pai ficar com os ganhos obtidos do seu trabalho³. Não existe, tal como na relação com a mãe, relato de acontecimentos, episódios ou memórias positivas da relação de F. com o seu pai. A classificação tipológica é “Falido” e a classificação taxonómica é “Carencial/ Instrumental”.

No que respeita à relação com os irmãos, F. apenas menciona que como era o mais velho tinha que aguentar com tudo⁴, e que enquanto os irmãos comiam bem, ele ficava apenas com um resto para comer.⁵ Esta passagem evidencia alguma mágoa. Neste sentido, e uma vez que, não foram descritas memórias positivas em relação aos irmãos a classificação tipológica é “Falido”, correspondente a uma classificação taxonómica “Carencial/ Instrumental”.

Relativamente a outras figuras particularmente significativas, F. não menciona nenhuma pessoa.

Assim sendo, não foi possível realizar a classificação desta subcategoria. A subcategoria **E1P6** foca a atenção do casal nos casais da geração que os antecede, o que possibilita compreender a transferência, a internalização, a incorporação ou a rejeição de vivências conjugais anteriores. A classificação varia entre desvalorização e separação até valorização, transformação e renovação, passando por configurações consideradas críticas da idealização, imitação e da contradependência (Cigoli & Tmanza, 2009a).

¹ “[...] somos muito unidos [...]”

² “[...] eu e a minha mãe, porrada era a que viesse [...]”

³ “[...] os patrões pagam, pagavam ao meu pai e eu não via mais o dinheiro [...]”

⁴ “[...] como era o mais velho era o que aguentava com as buxas todas [...]”

⁵ “[...] os meus irmãos em casa a comer bem, e eu a comer uma codinha e pão [...]”

Nos dois relatos, foi possível verificar que não houve transferência e aprendizagem das vivências conjugais anteriores. A. menciona no seu relato não ter aprendido nada com ninguém¹, uma vez que, na época ninguém ensinava nada, sublinhando que o que aprendeu foi sozinha². Refere ainda que, a relação dos seus pais era, para ela, sempre a mesma história, ou seja, era sempre marcada pelo trabalho, pelas discussões constantes e pela agressividade física³. Neste sentido, a classificação tipológica é “Falido”, correspondendo a uma classificação taxonómica de “Desvalorização e divisão”.

F. refere apenas um episódio em que os seus pais se envolviam em discussões violentas, referindo que não aprendeu nada com ninguém⁴. Assim, a classificação tipológica é “Falido”, correspondendo a uma classificação taxonómica de “Desvalorização e divisão”.

A subcategoria **E1P7** refere-se à transferência geracional, apelando à memória da relação entre os pais e as respetivas famílias de origem. A classificação varia entre falta de memória ou memórias particularmente dolorosas, até existência de memórias construtivas, passando por memória duvidosas e contraditórias (Cigoli & Tamanza, 2009a). Esta subcategoria desdobra-se em E1P7A e E1P7F.

Em ambos os casos a resposta a esta questão é bastante curta. Não obstante, mediante os relatos de A. e F. tentou-se aprofundar o máximo possível cada resposta e assim proceder à sua classificação tipológica e taxonómica.

No caso de A. é possível verificar que não existia uma relação muito próxima com a família da mãe e do pai⁵, embora no seu relato, A. tivesse falado que o seu pai era muito unido a uma irmã e que falava bastante de uns primos. Enfatiza, ainda, que, os seus familiares paternos não eram pessoas de conviverem muito uns com os outros⁶. Relativamente à sua família materna, A. menciona que não convivia muito com a sua família, uma vez que estavam longe, e refere-se aos mesmos com algum distanciamento e frieza⁷. Neste sentido, a classificação tipológica é “Ambivalente”, correspondendo a uma classificação taxonómica

¹ “[...] com a nossa família eu não aprendi nada com ninguém [...] fui para o casamento sem saber nada e olhe consegui [...]”

² “[...] antigamente ninguém dizia nada a ninguém [...] aprendemos, ou pelo menos aprendi à minha custa [...]”

³ “[...] a relação deles [dos pais], eu para mim era sempre a mesma história, sei lá, era trabalhar e o receber, ralharem um com o outro e levar pancada e pronto [...]”

⁴ “[...] quando tal andava a minha mãe ao pontapé na frente do meu pai e eu na frente dela [...] eu nada, nem com os meus irmãos nem com ninguém [...]”

⁵ “[...] não eram pessoas de conviverem assim uns com os outros [...] com a família da minha mãe a mesma história porque não estava aqui ninguém [...]”

⁶ “[...] eu lembro-me que o meu pai era muito único a uma irmã [...] e falava muito nos primos [...] mas não eram assim pessoas de conviverem assim uns com os outros [...]”

⁷ “[...] lembro-me de um tio meu, lembro-me de ele morrer [...] a minha mãe tinha duas irmãs em Lisboa lá vinham cá de vez em quando visitar e pronto [...] e com as primas quando elas cá vinham visitar, víamo-nos [...]”.

“Duvidosa e Contraditória”. Embora a descrição de A. não se enquadre totalmente em nenhuma das classificações, o facto de referir, genericamente, algumas memórias sobre a relação entre os seus pais e as respectivas famílias de origem e tendo em consideração que parecia existir alguma contradição sobre a relação do seu pai e a família, tornou que a única classificação possível fosse a mencionada anteriormente.

Relativamente a F. a situação é idêntica à de A. F. refere que se dava bem com alguns membros da família e mal com outros¹. Menciona, ainda, algumas pessoas da família, como o seu avô, umas tias e uns primos, mas com distanciamento e de forma genérica². No relato, A. mencionou alguns elementos da família de F. e destacou uma tia com quem o mesmo viveu uns tempos³. Não obstante F. não se pronunciou em relação a essa tia, nem se conseguiu perceber bem a relação entre a mesma e os pais de F. Assim sendo, a classificação tipológica é “Ambivalente”, uma vez que existe ausência de recordações, e quando relatadas são feitas de forma bastante genérica, e a classificação taxonómica é “Duvidosa e Contraditória”.

Tabela 2. Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo 1.

Subcategoria	Classificação
E1P1Alzira	Falido
E1P1Francisco	Falido
E1P2Alzira	Fecundo
E1P2Francisco	Ambivalente
E1P4Alzira	Falido
E1P4Francisco	Falido
E1P5.1Alzira	Fecundo
E1P5.1Francisco	Falido
E1P5.2Alzira	Ambivalente
E1P5.2Francisco	Falido
E1P5.3Alzira	Não classificada
E1P5.3Francisco	Falido
E1P5.4Alzira	Não classificada
E1P5.4Francisco	Não classificada
E1P6Alzira	Falido
E1P6Francisco	Falido
E1P7Alzira	Ambivalente
E1P7Francisco	Ambivalente

No **Eixo 1**, o casal é classificado como sendo de “Origens Ambivalentes”. A história familiar de ambos os elementos do casal é caracterizada por carências significativas visíveis no sentimento de mágoa, confusão e hostilidade em relação à própria família de origem e dos cônjuges. Verifica-se a existência de crises explosivas e silenciosas na relação com as

¹ “[...] com a minha família de origem, com uns dava bem com outros não [...]”

² “[...] o meu avô conheci-o, mas ele estava na França [...] tinha umas tias em Lisboa que vinham cá, mas só no Verão e de visita [...] tenho lá uns primos em Barroso [...] víamo-nos a cada passo uns aos outros [...]”

³ “[...] é tua avó, o teu tio [...] é a tia Estefânia com quem ele esteve algum tempo em Barroso [...]”

respetivas famílias de origem. É visível uma percepção do mundo em duas partes, uma parte boa e uma parte má e perigosa. A parte má é geradora de angústia e confusão e é perigosa para a relação. A parte boa diz respeito à capacidade de se visualizar acontecimentos bons da história familiar, de se relacionar positivamente com alguns membros da família e de se vislumbrar um sentimento de vitalidade que poderá possibilitar a recuperação das origens.

A segunda categoria analisa o casal e está dividido em 8 subcategorias. A subcategoria **E2P1** permite aceder à história do casal e ao início da sua relação, que pode ser por necessidade (o que não significa que será falida, uma vez que, a necessidade se pode desenvolver de diferentes formas), por acaso (o que evidencia que a procura do outro é algo que ocorre inconscientemente), ou algo cultivado ao longo do tempo (Cigoli & Tamanza, 2009a).

Neste caso, o casal refere-se ao seu encontro como um mero acaso, algo que ocorreu de forma natural¹. A atribuição do encontro ao acaso, revela que a procura do outro ocorreu de forma inconsciente. No relato descrevem, apenas, o momento em que se conheceram, e como foi, de forma muito genérica, o percurso de namoro até ao casamento, não descrevendo com pormenores o momento de namoro e o momento em que se conheceram². A resposta a esta questão foi extremamente curta e genérica, centrada na descrição de algumas memórias do encontro, o que sugere que o casal possa ter alguma dificuldade de reflexão sobre o início da sua história. Neste sentido, a classificação tipológica é “Ambivalente”, correspondendo a uma classificação taxonómica “Por acaso”, evidente na existência de um encontro eventual, onde não se imaginava ter encontrado a pessoa certa e visível na ausência da descrição de sentimentos que conduz à ideia de um encontro não reconhecido.

A subcategoria **E2P2** pressupõe-se como o desenvolvimento da subcategoria E2P1, que permite ao casal diferenciar o encontro e a formação do laço entre os dois que fez com que se tornasse um vínculo. A classificação taxonómica vai desde a não distinção e a procura de uma identidade de casal, passando por carência de identidade de casal (Cigoli & Tamanza, 2009a).

Tal como o encontro de casal foi descrito como mero acaso, igualmente aqui, o casal não consegue fazer a distinção entre encontro e formação do laço. Referem que a formação do laço foi algo que aconteceu, como circunstâncias que ocorrem na vida, e embora tenham

¹ “[...] conheci-a no dia em que vim a Chaves para ir para a Angola, para me ir embora [...]”

² “[...] depois dali lá começamos a escrever-nos um ao outro [...] o nosso namorar foi de Angola para cá, para o continente [...] e depois veio, quando saiu, acabou a tropa, saiu e casamo-nos [...] estive para aí 2 ou 3 meses cá e casamo-nos [...]”

mencionado algum sentimento, foi feito de forma breve, sem grandes descrições em torno do mesmo¹. Também aqui, a resposta foi bastante curta e genérica, evidenciando alguma dificuldade de reflexão sobre a relação de casal. Paralelamente, ficou evidente a fuga do casal à resposta, quando na entrevista, relatou a sua relação com os vizinhos, ao invés de centrarem o seu relato na resposta à questão colocada². Neste sentido, a classificação tipológica é “Falida”, evidente na não diferenciação do encontro e da formação do vínculo, e na atribuição do vínculo ao acaso e a classificação taxonómica é “Não distinção do encontro e do laço”.

A subcategoria **E2P3** é uma questão de alto nível metafórico que aborda o reconhecimento de expectativas e carências, relacionados, respetivamente, com laço e com o encontro. A classificação taxonómica varia entre falta de reconhecimento das carências e expectativas um do outro, reconhecimento das expectativas e carências um no outro, passando por reconhecimento parcial das necessidades e expectativas um do outro (Cigoli & Tamanza, 2009a).

A resposta a esta questão foi extremamente curta e revela alguma falta de compressão da questão e/ou recusa de tentativa de interpretação da mesma. Neste caso, o casal relata que assumiu a responsabilidade inerente ao casamento³. Mencionam ainda que, a vida de casal é marcada pela presença de bons e de maus momentos, existindo sempre contrariedades⁴. O casal parece assim, considerar a formação do laço e do encontro como uma responsabilidade que tem que ser assumida, não reconhecendo, durante a entrevista, aspetos que gostaram um no outro, nem sendo capaz de projetar as expectativas e necessidades quer em si, quer no seu cônjuge. Assim, a classificação é “Falido” correspondendo a uma classificação taxonómica de “Falta de Reconhecimento das Expectativas e Carências” um do outro. A resposta indica o que os autores designam de “Desqualificação”; “Idealização e “Idealizações Genéricas” e “Mentalizações pobres”.

A subcategoria **E2P4** refere-se relação entre a expectativa e a sua satisfação. A satisfação está relacionada com a resposta às expectativas (necessidades, desejos, segurança, entre outros aspetos da vida de casal), que pode variar entre desilusão, expectativa e satisfação parcialmente bem conseguida e expectativa e satisfação positiva (Cigoli & Tamanza, 2009a).

¹ “[...] não sei, a gente não sabe, são coisas que acontecem [...] é a vida [...] como eu costumo dizer amor à primeira vista [...]”

² “[...] da vizinhança damo-nos bem com todos, com uns mais do que com outros [...] ah bom dia e boa tarde com uns e outros é mais um bocadinho [...] e outros não [...] a senhora Matilde tem os netos, é como que sejam nossos filhos e netos, a mais velha que se eu fosse buscar ao autocarro, logo ela já sabia que avó não vinha busca-la, que era eu [...]”

³ “[...] casamos e assumimos a nossa responsabilidade e ficamos e continuamos [...] assumimos a nossa responsabilidade de levar a vida um com o outro e viver como se pode [...]”

⁴ “[...] às vezes melhor, outras vezes pior também [...] há sempre contrariedades [...]”

Mais uma vez, a resposta foi extremamente curta, o que revela a possibilidade de dificuldade de compreensão da questão; recusa da tentativa de interpretação da mesma e/ou alguma timidez associada à dificuldade de expressar verbalmente memórias e sentimentos da vida pessoal.

Os elementos do casal referem que acreditam que pensam ter encontrado um no outro o que estavam à procura, apesar de terem passado bastante tempo separados logo após se terem conhecido¹. A resposta bastante curta à questão, associada a alguns risos durante a questão da mesma, poderá indicar alguma timidez em expressar verbalmente sentimentos e recordações associadas à mesma. Assim, embora o casal afirme ter correspondência nas suas expectativas, não identificam nem refletiram sobre as mesmas. Desta forma, a classificação é “Ambivalente”, correspondendo a uma classificação taxonómica de “Parcialmente”, evidente no facto de existir alguma ambivalência na resposta, onde embora exista a afirmação positiva, a resposta é genérica sem aprofundamento da mesma.

A subcategoria **E2P5** confronta o casal com que encontraram de novo e inesperado um no outro, abordando a realidade da diferença do outro enquanto outro. A novidade do inesperado pode atacar o vínculo de casal, dividindo-o e colocando-o, por sua vez em perigo, ou pode renová-lo e intensificá-lo (Cigoli & Tamanza, 2009a).

No relato, o casal apenas referiu, telegraficamente, não saber o que se descobriu de novo um no outro, evidenciando alguma dificuldade e timidez em responder à questão, colmatando a ideia com a referência de terem descoberto aquilo que é visível². Nesta questão não se consegue aceder ao que o casal descobriu de novo um no outro, nem se consegue compreender se essa descoberta renovou e intensificou o laço, ou se, o pôs em perigo. Neste sentido, a classificação, é “Falida” do tipo “Sentimento de Estagnação” visível na dificuldade e/ou recusa em compreender e refletir sobre a questão considerando apenas, que o que descobriram é algo observável.

A subcategoria **E2P6** refere-se à(s) fase(s) difícil(eis) da relação de casal. Esta questão apela ao reconhecimento, por parte do casal, de vivências críticas e da forma como essas vivências foram ultrapassadas, existindo uma fusão entre o empenho nos laços e sentimentos e a existência de sentimentos de impotência, desconfiança e angústia pela perda e de transformação construtiva. A classificação taxonómica, varia entre a impossibilidade de enfrentar a dificuldade; dificuldades enfrentadas e vislumbre de novos aspetos do vínculo,

¹ “[...] imagino que sim [...] imagino que sim, que a gente andou muito tempo, mas pronto ficamos [...]”

² “[...] sei lá [...] o que está à vista [...]”

passando por dificuldades relevantes que ancoram risco para o vínculo, mas onde existe tentativa de resolução (Cigoli & Tamanza, 2009a).

O casal menciona a existência de algumas dificuldades¹. Referem o facto de não existirem ordenados e as complicações subjacentes a essa situação, utilizando uma expressão bastante popular². Relatam ainda, a dificuldade que tiveram na construção da própria casa, e na poupança que tinham que fazer de forma a conseguirem pagar as suas contas³. No entanto, apesar das dificuldades, o casal relata duas estratégias utilizadas no enfrentamento dessas dificuldades. Assim, utilizou como estratégia de enfrentamento o trabalho e a poupança⁴. Contudo, ressalta o carácter prático e bastante concreto quer das dificuldades quer das estratégias de enfrentamento. Neste sentido, considera-se a classificação tipológica “Fecundo” uma vez que o casal reconhece vivências críticas e enumera as estratégias de enfrentamento das mesmas. Não obstante, a classificação taxonómica que prevê o enfrentamento de dificuldades, vislumbrando novos aspetos do vínculo, não se enquadra totalmente naquilo que é representado, dado que, não se vislumbra o sentimento de transformação, mas apenas de enfrentamento, sendo esta classificação a única possível.

A subcategoria **E2P8** refere-se ao estabelecimento da relação entre os membros do casal e as famílias de origem do seu cônjuge, no que concerne, à proximidade/distanciamento entre gerações. O comentário pedido ao que o cônjuge narrou, pode demonstrar sentimentos de indiferença, de diferença crucial em relação à origem ou de acolhimento e de diferença que possa ser gerida (Cigoli & Tamanza, 2009a). Esta subcategoria desdobra-se em E2P8.1 e E2P8.2.

O relato A. menciona que ambos não têm grandes recordações da relação com as respetivas famílias de origem⁵. Menciona ainda que ficam as más recordações, e narra um episódio que em se juntaram com a família de F. e foram expulsos da casa dos familiares onde ocorreu a reunião⁶. Não obstante, refere que enquanto o sogro foi vivo, a família dava-se toda

¹ “[...] sim houve algumas, porque já sabe a vida é muito difícil”

² “Nós não tínhamos ordenados, não tínhamos nada e depois como diz o ditado, diz que uma casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”

³ “Fizemos esta barraca com o suor do nosso rosto” ... “Apertamos muito para fazer esta casa”

⁴ “Enfrentamos poupando muito e trabalhando e passando algumas às vezes” ... “Nunca fiquei, nunca fui a um comércio buscar nada fiado” ... “Não tinha não comia” ... “Governávamo-nos com o que tínhamos em casa” ... “Ou se ganhava... se tinha 20 escudos eu governava-me com aqueles 20 escudos, mas se tinha 10, também me governava com eles” ... “A gente apertava um bocadito”

⁵ “[...] não temos assim grandes recordações [...]”

⁶ “[...] ficam-nos as más [...] uma vez fomos visitar os familiares e viemos de lá, posso dizer que viemos corridos à pedrada [...] fomos lá uma vez, juntamo-nos todos [...] nessa altura fizeram lá um reboço, nós viemos embora [...] assim quase corridos [...]”

bem e que não existia festividade onde não estivessem presentes¹. No que concerne à família de A. nenhum dos membros do casal relatou episódios ou memórias sobre a relação com a família da mesma. Quanto ao comentário, ambos optaram por não comentar o que o parceiro tinha dito². Embora o casal tenha referido genericamente, que enquanto o pai de F. foi vivo a família se dava toda bem, não aprofundaram o assunto. Paralelamente, o facto de após a morte do pai de F. surgirem conflitos na família, sugere que o mesmo funcionava como um membro agregador. Do mesmo modo, o facto do casal não se referir nem comentar a relação com a família de A. não permite aceder à proximidade ou distanciamento da relação. Não obstante durante a entrevista, noutra subcategoria, A. referiu que ajudou a sua mãe a criar os seus irmãos mais novos, após a morte do seu pai, quando tinha 18 anos³. Refere também que, quando a sua mãe ficou mais velha foi viver para sua casa⁴. Na mesma subcategoria, A. também referiu que ela e F. tinham ajudado a sua mãe e os pais de F. a sobreviver na velhice⁵. Menciona que a mãe de F. ficou ao cuidado dela e do marido e que as duas filhas, irmãs de F. não quiseram saber dela, mas apenas do seu dinheiro após o falecimento⁶. Neste sentido, existe evidência de proximidade de A. e a sua família, e com a família de F. Não obstante, essa proximidade não foi retratada nesta questão, nem foi possível verificar a proximidade ou o afastamento de F. e a família de A. Assim sendo, considera-se a classificação tipológica “Falido” e a classificação taxonómica “Refutante”, visíveis no sentimento de rejeição e até mágoa em relação à família de F.

A subcategoria **E2P9** permite, através da visão que o casal tem do futuro, patentear particularidades do tempo presentes na relação de casal traduzidas em sentimentos de confiança/desconfiança e esperança/desapego do vínculo. A qualidade do vínculo pode ser visível na capacidade que o casal tem para combater o perigo, enfrentado o que acontece, ao invés de, negar ou acreditar no fatalismo. A classificação taxonómica varia entre orientação negativa e ansiosa e orientação positiva com investimento e esperança no vínculo, passando por orientação duvidosa temerosa (Cigoli & Tamanza, 2009a).

¹ “[...] enquanto o meu sogro viveu, corria tudo bem, não faziam uma festa, não faziam um Natal, não faziam uma matança, não faziam nada que nós não lá estivéssemos [...] nunca podíamos, tínhamos os miúdos, mas ele (pai de F.) vinha ajudar a levar, ele e um filho, levavam-nos às carraxulas, ao colo, como podiam [...] desde que o meu sogro morreu foi tudo diferente [...]”

² “[...] Não [...] Não [...]”

³ “[...] o meu pai não que o meu pai morreu tinha eu 18 anos [...] mas a minha mãe ajudei-a a sobreviver e ajudei-a a criar os meus irmãos mais novos [...]”

⁴ “[...] e depois quando foi mais velhinha (refere-se à mãe) estava aqui na minha casa [...]”

⁵ “[...] depois ajudamo-los a sobreviver na velhice (Alzira refere-se à sua mãe e aos pais de Francisco) [...] tanto a uns como a outros [...]”

⁶ “[...] fomos nós que olhámos por ela (mãe de Francisco) [...] tinha duas filhas, mas as filhas não fizeram caso [...] fizeram caso de receber o que ela tinha, mas para olhar por ela fomos nós [...]”

No relato, A. e F. mencionam que visualizam o seu futuro, juntos até ao fim¹. Não obstante, embora o anseio de casal seja permanecer junto, a concretização desse desejo é atribuída a elementos externos, que neste caso são os filhos². Paralelamente, o casal parece evidenciar alguma dúvida e incerteza em relação ao seu futuro e a presença de algum medo em relação a esse assunto denota-se na forma em como o casal sublinha e enfatiza a ideia e a vontade de permanecerem juntos³. Neste sentido, embora exista alguma incerteza e a dúvida na continuidade do vínculo, remanesce a esperança no vínculo e a vontade de investimento no mesmo. Assim sendo, a classificação é “Fecundo”, correspondendo a uma classificação taxonómica de “Orientação positiva, investimento e esperança no vínculo”.

Tabela 3. Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo 2.

Subcategoria	Tipologia
E2P1	Ambivalente
E2P2	Falido
E2P3	Falido
E2P4	Ambivalente
E2P5	Falido
E2P6	Fecundo
E2P8	Falido
E2P9	Fecundo

No **Eixo 2**, considera-se a classificação de casal com “Relação Ambivalente”. O vínculo de casal é frágil e duvidoso, marcado pela ausência de áreas secretas da vida de casal e pela dificuldade em partilhar alegrias e tristezas. É visível, a dificuldade em deixar emergir sentimentos de ternura e afeto, parecendo, até mesmo, existir alguma frieza e/ou timidez em relação vínculo. Não obstante, não se denota que o casal considere difícil o investimento na sua relação que tem ao mesmo tempo sinais de fragilidade e de durabilidade. O casal evidencia dificuldades em aprofundar aspetos mais íntimos e exigentes do pacto conjugal.

A terceira categoria (passagem generacional) detém também como foco de estudo o casal, repartindo-se em 6 subcategorias. A subcategoria **E3P1** refere-se à prefiguração que o casal tinha acerca da vida familiar. A classificação taxonómica vai desde a ausência prefigurações subjacentes à ideia de que a relação atual é suficiente e entre o prazer de

¹ “[...] os dois juntos [...] os dois juntos até que consigamos viver [...]”

² “[...] imagino se algum dia meterem nalgum lar, nos levem juntos para o mesmo sitio [...] também não sei, mas tenho ideia que o meu filho não nos deixa sair daqui [...] como está solteiro pode não poder [...]”

³ “[...] e a gente ter que ir para algum lado, mas ao menos que vamos juntos até ao fim da nossa vida [...]”

imaginar assente na esperança e confiança, passando pela presença de prefigurações divergentes, duvidosas e temerosas (Cigoli & Tamanza, 2009a).

Nesta questão, é evidente a falta de prefigurações que o casal tinha em relação à vida familiar¹. A. faz referência à imagem que tinha da vida de casal de uma forma muito simples e sem grandes descrições. Refere apenas, que imaginava a vida de casal idêntica à relação dos seus pais². Menciona, ainda, que idealizava que a vida de casal fosse melhor e que pensou que não ia ter a “sorte”, no sentido metafórico, da sua mãe³. F. apenas relatou “É a vida”, o que sugere que concorda com o que foi dito pela sua esposa, o que revela ausência de prefigurações, falta de planeamento e aceitação da vida de casal tal como ela é. Neste sentido, a classificação é “Falida” e a classificação taxonómica é “Imagens genéricas e estereotipadas”.

A subcategoria **E3P2** é uma continuação da subcategoria E3P1, uma vez que, a projeção do futuro de casal, alia-se à capacidade de comprar com a realidade da vida familiar. Esta comparação não diz respeito à comparação entre o ideal e o real, mas à compreensão entre a prefiguração que ambos os cônjugues fizeram sobre a vida de casal, e à capacidade que os mesmos tiveram de, conjuntamente, realizar ou não essa prefiguração. A classificação varia entre a impossibilidade de comparação pela ausência de prefiguração e o reconhecimento de uma relação construtiva, entre o idealizado e a realidade, passando pela presença de angústia e medo devido à existência de perspetivas divergentes (Cigoli & Tamanza, 2009a).

Apesar de na questão anterior o casal não ter descrito e aprofundado as imagens que tinha sobre a vida de casal, nesta questão fica evidente a existência de uma expectativa e de prefiguração que o casal tinha. Esta expectativa tão baixa e pouco operacionalizada, mas conseguida, diz respeito à aquisição da própria casa por parte do casal⁴. Esta expectativa é relatada, na entrevista, por F. onde o mesmo menciona que os seus pais não fizeram uma casa e que ficaram desprotegidos de tudo⁵. Assim sendo, esta passagem sugere que F. tinha uma prefiguração sobre a vida de casal assente na experiência que teve, ainda em criança, com os seus pais. Desta forma, embora a classificação não corresponda exatamente ao que os autores

¹ “[...] imaginávamos como víamos os outros não é [...]”

² “[...] eu imaginava como via os meus [...]”

³ “[...] mas pensei sempre que realmente ia ser melhor, que não ia ter a sorte que teve a minha mãe [...]”

⁴ “[...] eu a primeira realidade foi arranjar uma casa para me poder meter, para não ter que andar sempre com a casa às costas” [...] e felizmente está realizada e pronta [...]”

⁵ “[...] os meus pais não fizeram e podia ter feito e não fizeram [...] venderam o que tinham e ficaram desprotegidos de tudo [...] andavam sempre com a tenda às costas [...]”

preconizaram, a mesma é “Fecunda” do tipo, “Reconhecimento de uma relação construtiva entre o projetado e a realidade”.

A subcategoria **E3P3** aborda a necessidade da transmissão generacional de valores e padrões de vida. A classificação varia entre dificuldade generacional do reconhecimento de valores e padrões de vida ou a sua comunicação realizada de forma bastante estereotipada e entre a consciência da existência da transmissão generacional. Entre estas duas possibilidades encontra-se a angústia e a dúvida na transmissão generacional de determinados valores e padrões de vida (Cigoli e Tamanza, 2009a).

Nesta questão fica claro quais os valores e modelos de vida que o casal tentou passar aos seus filhos. Estes valores prendem-se com a honestidade, com o trabalho e com a relação entre irmãos¹. As origens dos valores surgem ligados aos dois elementos do casal². Não obstante, apenas A. fez referência a esses valores, que foram transmitidos pelo seu pai³. Assim, a classificação, é “Fecundo”, correspondente à classificação taxonómica “Valores provenientes do casal parental e das linhagens”.

A subcategoria **E3P4** está ligada à subcategoria E3P3, mas que aporta o sentimento da eficácia em relação à transmissão, sendo importante, o processo de atribuição, ou seja, a que motivos são atribuídos a eficácia ou ineficácia dessa transmissão. A classificação varia entre sentimento de eficácia/impotência para o construtivo e operativo, perante a presença do(s) filho(s) e a sua interpretação dos valores e padrões de vida, passando pela dúvida e a atribuição ao(s) filho(s) a responsabilidade da escolha de valores e modelos de vida (Cigoli & Tamanza, 2009a).

O casal refere, aqui, que pensam ter conseguido transmitir os valores e modelos de vida aos seus filhos, embora considerem que, os filhos agora, adultos, é que têm a responsabilidade das suas escolhas⁴. Não obstante, a eficácia da transmissão de valores fica ainda mais evidente quando A. menciona o facto de não existirem problemas entre irmãos, subjacentes ao valor transmitido da relação entre irmãos, e que ninguém tem queixa dos seus filhos, o que alude ao valor da honestidade⁵. Assim sendo, a classificação é “Ambivalente”, correspondente à classificação taxonómica “Sentimento duvidoso”, evidente no relato do

¹ “[...] levar a vida honestam [...] darem-se sempre todos bem uns com os outros [...] trabalharem para poderem viver [...] que não haja problemas uns com os outros [...]”

² “[...] sim [...]eu igual [...]”

³ “[...] os meus pais se aparecessem umas couves em casa tinha de saber de onde vieram [...] podíamos ter fome, mas mexer, numa cereja, num figo, numa coisa que fosse da vizinhança, não [...] é o que eu transmiti aos meus também [...] aquilo que não é nosso, não se quer [...]”

⁴ “[...] eu imagino que sim [...] eu imagino que sim [...] agora eles é que sabem a vida deles [...]”

⁵ “[...] ninguém dá queixa deles, nem têm problemas uns com os outros [...]”

casal, onde os mesmos referem que “imaginam” ter conseguido, mas que os filhos é que sabem.

A subcategoria **E3P5** é uma questão claramente generacional que, permite aceder às origens múltiplas do(s) filho(s), ao mesmo passo que, acede à sua especificidade. A classificação varia entre a réplica e duplicação do(s) filho(s) e o reconhecimento da combinação entre múltiplas origens e especificidades. Entre estas duas possibilidades, a existência de dúvidas acerca das origens do(s) filho(s) ou a minimização do problema (Cigoli & Tamanza, 2009a).

O casal não consegue enumerar nem descrever múltiplas origens e especificidades dos seus filhos¹. Referem apenas que pensam que os mesmos seguiram os seus exemplos², o que sugere, alguma dificuldade na interpretação da questão ou alguma dificuldade na reflexão sobre os seus filhos. Neste sentido, embora a classificação não corresponda na perfeição ao que os autores indicam, a subcategoria é classificada como “Ambivalente”, e a classificação taxonómica é “Confusa e duvidosa”.

A subcategoria **E3P6** apresenta um carácter reflexivo, no que respeita à relação familiar e tem também carácter de recapitulação, relativamente à visão do corpo familiar, das dores que sofreram e dos recursos que apresentaram. A classificação varia entre presença de sentimentos de raiva e de vazio subjacentes à incapacidade de superar a dor e o sofrimento, e o sentimento de que a vida familiar vale a pena ser vivida. Entre estas duas variações, encontra-se a dúvida e a confusão (Cigoli & Tamanza, 2009a).

O casal menciona genericamente aquilo que constituiu maior dor e o que se apresenta como maior esperança. Relativamente à maior dor, referem ter sido a perda dos familiares³, e como maior esperança apontam a expectativa que têm no futuro dos filhos e dos netos⁴. Assim sendo, a classificação é “Fecundo” e a classificação taxonómica é “prevalência de sentimentos de confiança e esperança no vínculo familiar”.

Tabela 4. Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo 3.

Subcategoria	Tipologia
E3P1	Falido
E3P2	Fecundo
E3P3	Fecundo
E3P4	Ambivalente
E3P5	Ambivalente

¹ “[...] sei lá [...] uma pessoa vê-os todos os dias [...] parece sempre o mesmo [...]”

² “[...] eu para mim, eles seguiram os nossos exemplos [...]”

³ “[...] maior dor, foi perdermos a família [...]”

⁴ “[...] esperança, é a esperança que a gente tem no futuro, nos filhos e nos netos [...]”

No que concerne ao **Eixo 3**, considera-se o casal de “Passagem Fecundo”. Embora permaneçam alguns sentimentos de dúvida e medo, o casal revela esperança no vínculo familiar. É visível o sentimento de eficácia, marcado pelo investimento no presente-futuro da história familiar. Embora o casal seja considerado de Origens e Relação “Ambivalente”, o facto de ao longo da entrevista ser visível a pobreza de expectativas, valores e modelos de vida, como por exemplo a expectativa da construção da sua casa, a transmissão de valores relacionados com o trabalho, a honestidade e a boa relação fraterna dos seus filhos, permitiu ao casal o sentimento de eficácia, uma vez que estes valores e modelos de vida são de fácil alcance.

A nível global, a classificação dos 3 eixos concebe a figura 2.

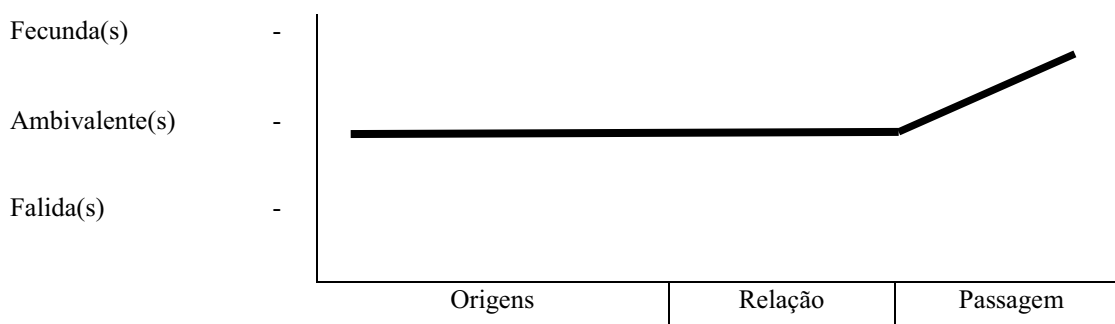


Figura 2. Figuração da tipologia generativa *Fértil* (Cigoli & Tamanza, 2009b)

A tipologia o casal corresponde a *Fértil*. A composição é *Heterogéneo*, uma vez que os valores encontrados são iguais nas Origens e na Relação (Ambivalentes). Relativamente à *Direção*, verifica-se transformação ascendente da Relação para a Passagem, sendo que a *Intensidade da Transformação* é de variação mínima (Ambivalente para Fecundo).

Alguns aspetos que não foram englobados nos resultados, mas que são elementos importantes e característicos do casal, vão ser agora apresentados e discutidos.

Um aspeto visível ao longo da entrevista, relaciona-se com a dificuldade de compressão das questões da mesma por parte do casal. Esta dificuldade, poderá ser justificada pela idade do casal e pela proveniência de um meio rural, onde, os idosos possuem baixa escolaridade.

Ao longo da entrevista, foi também visível, a adoção de uma postura pouco recetiva, em relação à mesma, por parte do casal. Esta situação, poderá ter na sua base, a proveniência do casal, de um meio rural e pequeno, na medida em que, a presença de uma pessoa

desconhecida, e a realização de perguntas sobre aspetos pessoais da vida familiar e de casal, poderá resultar no surgimento de receio e desconfiança. Nesse seguimento, foi notória, algumas tentativas, alcançadas, de fuga às respostas, principalmente por parte de F. Outro aspeto que é bastante visível, relaciona-se com o facto de A. responder às questões colocadas ao marido, e a questões colocadas ao casal, não permitindo o acesso, em diversas questões, à resposta do mesmo. Uma das explicações possíveis para a postura de A. poderá relacionar-se com características da personalidade, F. uma vez que foi notório ao longo da entrevista, a postura reservada, tímida e retraída do mesmo. Por outro ponto de vista, esta postura poderá encontrar a sua justificação no facto de A. assumir uma figura central na relação de casal, na medida em que, parecia caber à mesma o papel de educação dos filhos e de gestão de vida familiar e monetária. Neste sentido, F. parece repetir, inconscientemente, os padrões de vida dos seus pais, onde a sua mãe assumia um papel de figura central, tendo o seu pai um papel mais submisso.

Paralelamente, um aspeto que poderá estar relacionado com o este aspeto, relaciona-se com o facto de F. em várias questões da entrevista, responder “é a vida”, após a resposta da sua esposa, o que sugere que o mesmo concorda com o que foi dito. Contudo, não se sabe se, na realidade, existe uma concordância ou se F. estaria a ocultar a sua resposta.

Um aspeto que foi também visível na entrevista, relaciona-se com a contradição do casal. Assim, a título de exemplo, na subcategoria (E1P6), o casal refere não ter aprendido nada, acerca da vida de casal com ninguém. Não obstante, na subcategoria (E3P1) fica evidente a transferência e as aprendizagens das vivências conjugais dos seus pais. Esta contradição, poderá justificar-se pelo facto de o casal apresentar inúmeras dificuldades na compressão das questões da entrevista, mas também pode encontrar a sua razão na tentativa de negação de identificação e aprendizagem com a geração precedente.

O casal evidenciou, também, ao longo da entrevista, uma dificuldade aparente, em refletir sobre si mesmo, e em expressar sentimentos. Neste sentido, era notória a presença de timidez/vergonha em falar sobre a sua relação, o que poderá mais uma vez, ter na sua base a proveniência de um meio rural e a idade do casal, na medida em que, a educação que o casal recebeu na época em que era jovem era pautada pela descrição e até mesmo pela reserva de sentimentos e, tendo em conta a época ditatorial, pela pouca reflexão.

Todos estes aspetos, dificultaram o processo de análise da entrevista. Contudo, tentou-se compreender e gerar respostas que pudessem justificar estes aspetos.

4. Conclusão

A Entrevista Clínica Geracional constitui-se como um instrumento bastante eficaz no conhecimento e na exploração das dinâmicas de casal. A ECG permite aceder à história do casal, através da exploração de informações partilhadas e conjuntas de casal, permite ao casal uma consciencialização de elementos significativos da sua história individual e da história da sua relação e possibilita a descoberta recíproca do casal, através da descoberta de novos elementos da relação ou de elementos esquecidos. Não obstante para o estudo da relação entre avós e netos, e mais especificamente para o conhecimento, exploração e compreensão dessa relação aquando da presença de uma doença crónica nos avós, esta entrevista não se mostrou adequada, uma vez que a relação com os netos não emergiu ao longo da mesma.

Relativamente à doença, apesar da entrevista aceder a muita informação sobre a dinâmica de casal, esta não surgiu em nenhuma dimensão. Neste estudo, não existem dados que comprovem que a doença fosse coesiva ou destrutiva da relação familiar, uma vez que a doença não surge em nenhuma transição, o que revela que o seu impacto não é significativo no que respeita às relações e dinâmicas familiares.

A capacidade de viver num espaço com essa doença e criar oportunidades de evolução e crescimento, ou mesmo a capacidade de não observar a doença como um obstáculo e um problema dependem do significado que esse acontecimento assume no seio familiar (Scabini & Cigoli, 2000). Em muitas famílias é visível a passagem, de geração em geração de modelos de relacionamento interpessoal e de vivências emocionais que constituem um padrão característico. Assim, a forma de reagir a diversos acontecimentos significativos, como por exemplo à doença e à morte pode variar muito de família para família, (Sampaio, 2008).

Aquando do seu encontro, cada elemento do casal trás consigo a história e a cultura da sua família de origem. Neste estudo, o casal partilha de uma experiência similar. Ambos os elementos do casal são os filhos primogénitos de famílias numerosas e com escassos recursos económicos. Com efeito, ambos iniciaram a vida de trabalho muito cedo de forma a ajudar na sustentabilidade das suas famílias de origem. No que respeita à relação com as mesmas, ambos os elementos do casal parecem, evidenciar fraca relação afetiva, marcada pela mágoa. Neste sentido, no discurso de F. é visível uma maior mágoa em relação à sua família de origem, e um sentimento de inferioridade em relação aos seus irmãos na medida em que os mesmos usufruíam de mais regalias e cuidados enquanto F. tinha que trabalhar.

No que diz respeito ao encontro de casal, embora este tenha sido fruto do acaso, pode ser analisado como um processo inconsciente de ambos os elementos, expresso pela

necessidade de “saír” da sua família de origem. O facto de se terem casado após três meses de namoro à distância e por carta revela a necessidade de “escape” das suas famílias de origem. Paralelamente o afastamento da sua família de origem, a dificuldade em abordar e recordar a relação com os mesmos na entrevista, principalmente por parte de F, revelam uma tentativa de negação da mesma. Por outro lado, este afastamento da sua família de origem pode-se constituir como uma repetição dos padrões de vida adotados pelos seus pais (ambos os pais também tinham uma relação distante com a sua família de origem) de forma não reconhecida, na medida em que existe uma negação de aprendizagens e identificação com o modelo conjugal precedente.

Relativamente à relação de casal, A. parece assumir uma figura central, na medida em que, durante a entrevista o discurso de A. se sobrepunha ao discurso de F. Paralelamente, a educação dos filhos e a gestão dos rendimentos familiares pareciam ser tarefas de A. Curiosamente na família de F. a mãe assumia uma figura central. Já na família de A. embora o pai assumisse a figura central, este faleceu quando A. tinha 18 anos, o que teve como consequência a assunção de responsabilidades por parte da mesma, que teve que ajudar a mãe na educação dos seus irmãos mais novos. Assim, o casal parece ter repetido, de forma inconsciente, os padrões de vida dos seus pais, no estabelecimento de uma relação em que A. tinha um papel central e F. uma postura mais submissa. A transição para a conjugalidade pressupõe que o casal seja capaz de construir uma relação conjugal constituída pelo pacto declarado e o pacto secreto, constituindo-se este último, como um processo inconsciente (Pincus & Dare, 1987), que dá unicidade ao casal e se torna o meio para construir uma identidade própria, diferenciada da sua família de origem (Bowen, 1998) e para a função parental e transmissão geracional (Cigoli & Scabini, 2006). O casal demonstra ter dificuldade em aprofundar aspetos mais íntimos e exigentes do pacto conjugal, o que revela que não conseguiu construir um pacto conjugal na sua totalidade, uma vez que a transição para a conjugalidade almeja a construção de um pacto conjugal capaz ligar o pacto secreto e o pacto declarado sob o pólo ético-afetivo que permita exprimir as características do pacto conjugal e as características do casal (Scabini & Cigoli, 2006).

Em síntese, as experiências e vivências de cada elemento de casal com a sua família de origem, parecem unir-se na construção de uma relação de casal, cuja tipologia corresponde a “Fértil”. Embora o casal seja de Origens e de Relação Ambivalente, verificou-se uma evolução na “Passagem” para “Fecundo”. Esta evolução encontra a sua explicação no facto do casal revelar enorme pobreza nos valores e modelos de vida na transmissão Geracional.

Estes valores e modelos de vida, apontados como a honestidade, o trabalho e a boa relação fraterna dos filhos são de fácil alcance o que permite ao casal o sentimento de eficácia e a esperança no vínculo familiar.

Contudo, ao longo da entrevista o casal demonstrava ter uma dificuldade em abordar e refletir sobre a sua dinâmica familiar, nomeadamente sobre o relacionamento com a sua família de origem, sobre a relação de casal e mesmo sobre a relação com os filhos e netos.

5. Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bowen, M. (1998). *De la familia al individuo*. Barcelona: Paidós.
- Campos, C. J. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-614. doi:10.1590/s0034-71672004000500019
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2006). *Family identity. Ties, symbols and transitions*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009a). *L'Intervista Clinica Generazionale (ICG)*. In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *Il sistema di codifica e di misurazione* (pp. 123-162). Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009b). *L'Intervista Clinica Generazionale (ICG)*. In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *L'intervista clinica generazionale* (pp. 85-120). Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Cole, D. A. & McPherson, E. A. (1993). Relation of family subsystems to adolescent depression: implementing a new family assessment strategy. *Journal of Family Psychology*, 7(1), 119-133.
- Colorausso, C. A. (1990). *New dimensions in adult development*. New Yorker: Basic Books.
- Coutinho, C. P., & Chaves, J. H. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista portuguesa de educação*, 15(1), 221-243.
- Dias, C. M. S. B., & Silva, M. A. S. (2003). Os avós na perspetiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, 8, 55-62.
- Falcão, D. V. D. S., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2009). O impacto da doença de Alzheimer nas relações intergeracionais. *Psicologia Clínica*, 21 (1), 137-152.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 20-29. doi:10.1590/s0034-75901995000300004
- Gonçalves, A., Trigueiros, L., Peixoto, R. & Raguso, F. (2010a). "Intervista Clinica Generazionale - The Generativity Concept from the Viewpoint of Portuguese Psychologists.", Trabalho apresentado em 5th Congress of the European Society On Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", In Book of Abstracts presented at the 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition.", Milão.

- Gonçalves, A., Trigueiros, L., Peixoto, R. & Raguso, F. (2010b). *Intervista Clinica Generazionale - The Generativity Concept from the Viewpoint of Portuguese Psychologists*. Poster apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", Milão.
- Kipper, C. D. R., & Lopes, R. S. (2006). O tornar-se avó no processo de individuação e de seus netos no período de infância. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 22 (1), 29-34. *Rev. bras. geriatr. gerontol*, 13(3), 461-474.
- Kotre, J. (1996). *Outliving the self: How we live on future generations*. WW Norton & Company Incorporated: Nova Iorque
- Lanz, M. & Rosnati, R. (2002). *Metodologia della ricerca sulla famiglia*. Milão: Edizione Universitarie di Lettere Economia Diritto.
- Oliveira, A. R., Vianna, L. G., & Cárdenas, C. J. (2010). Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 461-474. doi:10.1590/s1809-98232010000300012
- Pincus, L. & Dare, C. (1987). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Raguso, F., Peixoto, R., Gonçalves, A. & Trigueiros, L. (2010a). "Intervista Clinica Generazionale - The Preliminary Results from the Adaptation with Couples in 121 Portugal.", Trabalho apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", In Book of Abstracts presented at the 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition.", Milão.
- Raguso, F., Peixoto, R., Gonçalves, A. & Trigueiros, L. (2010b). "Intervista Clinica Generazionale - The Preliminary Results from the Adaptation with Couples in Portugal." Poster apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", Milão.
- Ramos, A. C. (2014). Sobre avós, netos e cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. *Educação & Sociedade*, 35 (128), 781-809.
- Sampaio, D. (2008). *A razão dos avós* (7ª ed.). Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.
- Scabini, E. & Cigoli, V. (2000). *Il familiare. Legami, simboli e transizioni*. Milão: Raffaello Cortina Editore
- Scabini, E., & Cigoli, V. (2014). *La identidad relacional de la familia*. Biblioteca Autores Cristianos.

- Teixeira, P. (2006). Envelhecendo passo a passo. *Lusiada do Porto-Portugal. O portal dos Psicólogos*, 5-8.
- Triadó, C., Martínez, G., & Villar, F. (2000). El rol y la importancia de los abuelos para sus nietos adolescentes. *Anuario de Psicología*, 31 (2), 107 – 118.
- Ventura, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Rev SOCERJ*, 20(5), 383-386.
- Williamson, D. S. (1991). *The intimacy paradox*. Nova Iorque, NY: Guilford.
- Yin, Robert (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2ª Ed) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

Anexos

Anexo I. Entrevista Clínica Generacional

Abertura

Estão a participar numa investigação que estuda as vicissitudes generacionais que são comuns a todas as famílias. Para este fim ser-vos-ão colocadas algumas questões. Podemos fazer alguns intervalos para que a tarefa não se torne tão pesada.

No final predir-vos-ei um comentário sobre a entrevista e sobre como se sentiram na relação comigo. Os resultados serão usados para promover nos psicólogos clínicos e sociais a sensibilidade e a compreensão sobre as famílias e as histórias de vida das famílias. Se tiver alguma questão pode fazê-la à vontade.

Warming-up

Em primeiro lugar, gostaria que se concentrassem, que mergulhassem nas vossas origens, ou seja, no ambiente de vida, nos lugares, nos momentos históricos, nas tradições, nas relações familiares, como se voltassem atrás no tempo.

Poderão surgir cenários e imagens na mente de cada um. Gostaria que os focassem. Permita-se a ficar algum tempo nesta imersão; podem fechar os olhos se quiserem.

Eixo 1

Pergunta 1- *Agora gostaria que cada um de vocês me mostrasse a sua história. Quem quer começar?*

- A. Tanto faz. História como? Fui servir com 10 anos para casa de outros senhores, não é? Tomar conta de crianças. Além das crianças, fazia-se tudo que era preciso, e assim estive até... sempre nesse serviço até aos 23 anos que me casei e é isso... Depois continuei na minha vida, ter filhos, trabalhar em casa, trabalhar no campo, e continuou, continuámos no mesmo.

F. Eu igual. Andei a guardar ovelhas, andei a tocá-las a pé de Barroso para aqui e de Montalegre para Chaves. E depois até fui para a tropa, para o serviço militar, estive no ultramar e vim e casei-me como vê. Fomos para o mesmo trabalho.

A. Os dois claros... sempre juntos... tivemos, tivemos 9 filhos. Temos 7, morreram 2 pequenos e é assim.

Pergunta 2- *Pensando na sua família, quais eram os momentos mais importantes da vida familiar? Mergulhem novamente, seja em situações da vida quotidiana, seja em momentos particularmente significativos da vida familiar. O que acontecia?*

A. Na minha casa era o Natal. Principalmente o Natal. Normalmente nós todos andávamos por fora de casa, mas na noite de Natal tínhamos de estar sempre todos juntos. O meu pai era muito... nessas coisas era muito rígido, batia-nos, dava-nos pancada muitas vezes, mas quando era a noite de Natal, ainda que os patrões pedissem que fosse que era preciso ficar, ele não nos deixava ficar. Lembro-me que uma vez ele era... cedeu à patroa que podíamos ficar e ele foi para comer, não conseguiu comer, foi-me buscar. É verdade. Era uma coisa que ele tinha, era muito mau, batia-nos muito a mim e à minha mãe e essas coisas todas...mas nessa coisa não, ele o que tivesse em casa, ele se tivesse só um ovo para comer, ele aquele ovo era dividido por todos. Era muito, pronto...era muito unido à família, mas, entretanto, tinha as suas coisas. Foi como foi criado.

F. Eu igual quase ao dela. Comia nessa noite de “nomeadas” ... o que é que porrada era coisa que viesse. Eu e a minha mãe porrada era a que viesse.

A. Ai isso era.

F. Como era o mais velho era o que aguentava com as “buxas” todas. E foi assim.

A. É assim...fomos vivendo depois ajudamo-los as sobreviver na velhice. Tanto a uns como a outros. O meu pai não que o meu pai morreu tinha eu 18 anos. Mas a minha mãe ajudei-a a sobreviver e ajudei-a a criar os meus irmãos mais novos. E depois quando foi mais velhinha estava aqui na minha casa. Era... somos 6 irmãos, mas era

eu e a minha irmã, uma das que tenho em Vila Meã que olhámos por ela. Morreu na minha casa. Como à avó dele também morreu na nossa casa. (aqui referia-se à mãe do marido, mas enganou-se). Fomos nós que olhámos por ela. Tinha as filhas, mas as filhas não fizeram caso...fizeram caso de receber o que ela tinha, mas para olhar por ela fomos nós.

F. Praticamente... nós precisamos de alguma coisa é sempre a D.MA (aqui referia-se à senhora que toma conta deles) que vem. Para um lado ou para o médico é ela.

A. A mãe ficou... é ela sozinha, morreu o pai dele, já morreu há trinta e tal anos. Morreu em 75 o pai dele também. Depois ficou a mãe sozinha. Ele lá ajudou como pôde também, ele e aos irmãos. E depois quando foi mais velhinha claro que ficou só num dos irmãos e nós ajudávamos como podíamos. Uns com dinheiro, outros com géneros, ajudámos sempre até ao fim.

Pergunta 4- *Quais eram as regras de ouro utilizadas para organizar as relações entre os membros das famílias e entre a família e o exterior? Quem as ditava e de que forma?*

A. Em casa... na casa dos meus pais? Era o meu pai. Ele é que fazia isso, claro. Ele era moleiro, a minha mãe andava sempre a... ela e o meu pai andava... até ía para Barroso, para Ardãos, para Bobadela, para a Pastoria, por aí... por aí fora a colher os centeios... os centeios para moer e a minha mãe andava aqui de volta com ele, com um animal... chama-se um burro, um asno. E a minha mãe levava à cabeça, levava as coisas, acarrava tudo às costas. Era assim a vida... Mas ele é que... A minha mãe muitas vezes ía ajudar os vizinhos e ía ajudar os vizinhos a trabalhar no campo e não comia nada na casa dos senhores, tinha que vir para casa. Ele queria ali as pessoas e ali estavam, nem que não tivessem nada de comer em casa... também era um bocadinho egoísta, realmente se trabalhava era natural que comesse ou recebesse. Porque nessa altura era tudo a ajudar, não é? Ninguém pagava jeiras, ninguém pagava nada. Ela nem... coitada ía trabalhar nem sequer comia. Às vezes ía a uma casa de alguém que lhe dava alguma coisa, ela partia um bocadinho de pão para comer, metia-o assim entre o seio para trazer para nós. E depois as pessoas, algumas, viam que ela fazia isso já lhe davam mais para nos trazer. Na altura das malhadas faziam... levavam-nos o

comer também, conforme comessem lá no... em casa mandavam para nossa casa também para nós comermos. O resto passávamos muitas. É a vida.

F. Agora vivemos um com o outro. Temos um filho cá e casa.

A. Pois.

F. Já emigrou várias vezes só que...

A. Só ele é que diz que não estamos em idade de ficarmos sozinhos e pronto e aí está. Está a prejudicar a vida dele.

F. Era comer e trabalhar. Era mais a minha mãe do que o meu pai (aqui referia-se a regras).

A. A mãe dele era mais rígida.

F. Era mais ela.

A. Se o pai lhe ralhava depois estava sempre a assinar. Batia muito nos filhos e naquela M. (referia-se à irmã do marido) batia-lhe muito. Ela ia para o campo... trabalhar com a inchada como os homens, como os irmãos, como o pai...chegava a casa e tinha que fazer as coisas de casa. É verdade. Esfregar a casa como se esfregava antes com a escova e lavar a roupa dos irmãos e tudo e a mãe...

F. Agora não, mas antigamente para sair era uma “verbena”. A gente vinha para entrar em casa e a minha mãe “não entrais pela janela que ele está aí” ...pirávamo-nos. Tivemos que ir para...eu fui para Barroso, fugi para lá com um saco às costas e fui para lá servir.

A. Ele e o irmão.

F. O meu irmão, o outro, foi para outro lado.

A. Ele e o L. é que eram os mais velhos e a M. a seguir. Quando...punham-se andar pois claro. É a vida. Este já depois de casado, acho que foi depois de casado, ou já teria vindo da tropa, o pai ainda lhe deu uma bofetada. Era assim.

F. Era assim menina.

Pergunta 5- *Poderiam relatar algumas memórias de infância sobre:*

5.1- a sua relação com a sua mãe

5.2- a sua relação com o seu pai

5.3- a relação entre irmãos (se não tiverem, considerem as relações com primos ou amigos)

5.4- a sua relação com outras figuras particularmente significativas.

A. Somos muito unidos e com a minha mãe também e com o meu pai também...mas normalmente eu gostava muito do meu pai, mas quando morreu não senti nada que ele morresse. Não senti nada, nem me deu vontade de chorar nem nada, porque pronto fez-nos muitas. Então a minha mãe coitada, essa era, nunca me lembro da minha mãe me ter posto um dedo em cima para me bater. Lembra-me que uma vez me deu assim um safanão e eu pus-me a gaguejar para fingir que ela que me tinha assustado e que fiquei gaga. É verdade. [risos]...para ela ficar assustada. Isto, isto antes dos 10 anos, que depois fui servir, depois não estava em casa, depois dos 10 anos vivi sempre à minha custa. E ainda a ajudar os outros. Nunca fui para escola, andei para escola para aí uns 4 ou 5 meses...estou que nem tanto porque fui obrigada, mas já estava a servir... foi quando a lei das pessoas todas, todas as crianças irem para as aulas e um dia faltava 3 ou 4 e outro dia faltava outros 3 ou 4...pois é uma pessoa estava a servir tem que fazer o trabalho não vem para a escola... e lá andei assim. Pois aprendi a fazer o meu nome, aprendi a conhecer as letras, comecei a escrever e a juntar as letras fiz alguma coisa, não fiz exame nenhum, nada mas para mim para me governar eu tenho. Nas letras, nos jornais, as coisas que eram mais redondinhas, e aprendi assim, aprendi a conhecer as letras e a fazê-las pronto... e fui e fui andando. É assim a vida.

F. No monte com um rebanho de cabras. E os meus irmãos, alguns em casa a comer bem, e eu a comer uma codinha de pão e ála. Ía para o monte e andava todo o dia de manhã à noite. Cheguei a guardar 60 cabeças de gado no monte, eu sozinho. E a vida foi assim. Os patrões pagavam/pagavam ao meu pai e eu não via mais o dinheiro. Esse não se via mais.

A. E o pai recebia também não o via. A tua mãe é que ela que governava as coisas.

F. Mandava mais ela do que ele. Ele como tivesse o copito de vinho já estava tudo bem para ele.

A. E umas batatinhas e uma coisinha qualquer que colhessem...coisas do cedo, ervilhas, favas e isso tudo. Começava a fazer o cestinho e “M. (referia-se à mãe do marido) praça com elas”. Para o café, para ela e para estas gulosices. E estava sempre a falar mal dos filhos e essas coisas todas, desta e daquele e de... ele ainda ouviu muitas vezes quando os íamos visitar. É assim.

Pergunta 6- *O que aprenderam sobre as relações de casal e sobre a vida de casal com a família de origem? Encontraram “regras de ouro” também a este respeito? Poderiam dar um exemplo da relação entre os vossos pais através de uma ou duas recordações?*

A. Com a nossa família, eu não aprendi nada com ninguém...aprendemos, eu pelo menos aprendi à minha custa. Fui para o casamento sem saber nada e consegui, olhe... vivi a minha vida como pude. Não, pronto não sei que dizer mais. A relação deles, eu para mim era sempre a mesma história, sei lá, era trabalhar e receber, ralharem um com o outro e levar pancada e pronto. Era o que eu sei o que sentia.

F. Quando tal andava a minha mãe ao pontapé na frente do meu pai e eu na frente dela.

A. Era assim.

F. Era assim.

A. Á vezes que chegavam a dormir fora de casa.

- F. Quantas vezes, quando tal agarravam na trouxita e ála. Eu nada nem com irmãos nem com ninguém.
- A. O que é que a gente vai aprender? Antigamente ninguém dizia nada e eu também não sei e a verdade é só uma, que eu não aprendi nada com os meus pais, mas nunca disse nada aos meus filhos, nem às minhas filhas de nada, não. A gente vai ensinar o que ninguém nos ensinou a nós? Não sabemos. Não é? Uma pessoa não pode ensinar aquilo que não nos ensinaram a nós. É isso. Eu também não estou a dizer que eles fizeram mal, que eu também não estive muito...porque também não sabia. Não, pronto. Saia lá como entrar em contacto com os filhos, dizer-lhe isto assim, isto passa-se assim, passa-se assado. Não, não tinha esse à vontade. Ainda nem hoje. É verdade. Uma pessoa...fomos criados assim. É vida. Somos criados à lei da natureza como os bichinhos do monte.

Pergunta 7- *Recorrendo às vossas recordações poderiam dizer-me alguma coisa a respeito da relação entre os vossos pais e as respetivas famílias de origem? O que é que acontecia?*

- A. Eu lembro-me que o meu pai era muito unido a uma irmã que tinha em Vilarinho das Paranheiras. E falava muito nos primos e assim, mas não eram assim pessoas de conviverem assim uns com os outros. Não. Lembra-me que só uma vez, uma vez ou duas com ele a Vilarinho das Paranheiras visitar, até que já nem era a mãe nem o pai, era a madrastra e a irmã do irmão que lá tinha, que era meio irmão só, e a mulher dele...não tinha grande coisa. Com a família da minha mãe a mesma história porque não estava aqui ninguém. Lembra-me de um tio meu, morreu em, para aí 1950. Lembra-me dele morrer, andava a minha mãe de bebé do meu Z... o meu irmão, e ele dizia... Eles até tinham bastante em Bóveda. Ele dizer-me...só eramos 3 as 3 raparigas mais velhas. Que ele tinha que era para as sobrinhas de Moura, que era “para a minhas sobrinhas” ...para as sobrinhas e não vimos nada. E não sei não tem assim grande...depois tem, tinha duas irmãs em Lisboa, lá vinham cá de vez em quando visitar e pronto, é o que sabia. A minha mãe tinha duas irmãs em Lisboa. Já morreram as duas. E com as primas também quando elas cá vinham visitar, víamo-nos. Agora tenho um primo que fez a tropa aqui e agora todos os anos vem cá uma vez no Verão saber de conhecer a terra das famílias e assim, e agora todos os anos telefona.

F. No Natal telefona.

A. Todos, todos, todos os anos me telefona, os outros não.

F. Durante todo ano pode não dizer nada, mas no Natal telefona.

A. Alguns a gente fez bem. Por eles não, mas esse vem cá todos os... não vem mas telefona-me todos os anos no Natal, todos, todos, todos, nunca se esquece. Nem de mim nem da minha irmã E., e a relação das famílias é o que sei. Não tenho assim convivência com muita gente.

F. Tem uma irmã que... isso é como a família não exista. Esta andou para ai dois anos para dar com ela.

A. Ai dois anos. Desde que morreu a minha mãe até há pouco tempo. Já vai 15 anos ou mais.

F. Nem se importava da mãe nem se morresse. Pronto.

A. É assim. Depois tanto andei, tanto andei até que pelo facebook uma miúda descobriu o número de uma sobrinha minha por aí ela deu-me o número de telefone e eu liguei-lhe e veio. Se eu ligar muito bem, falamos muito bem, mas se eu não ligar também não se importa. É assim. Eu ligo muitas das vezes. Ligo muita vez, até era para ligar agora na Páscoa e não liguei. Eu ligo a todos os meus irmãos. Uns estão longe, outros estão perto, mas falo com todos e dou-me bem com todos.

F. A minha família de origem, com uns dava bem com outros não.

A. É a tua avó, o teu tio e...

F. O meu avô conheci-o, mas ele estava na França.

A. A tia L.

F. Tinha umas tias em Lisboa que vinham cá, mas era só no Verão e de visita.

A. É a tia E. com quem ele ainda esteve algum tempo em Barroso.

F. Tenho lá primos em Barroso.

A. É a vida, mas davam-se..., mas davam por se dar, não é?

F. Víamo-nos a cada passo uns aos outros. Mas também não sou afetivo muito de ir a casa dele.

A. Não, nem eles vêm à nossa.

F. Se lá passar vou visitá-los, mas venho porque se vou à casa deles e não vou à do outro, fica por aí, foi a outra que me virou. Andava assim, então.

A. Dávamo-nos bem, pronto, dávamo-nos bem, mas...mesmo os aqui que estão aqui perto se eu não andar sempre a ligar pa eles, eles também não se importam de mim.

F. Ai se não fosse ela andar sempre a ligar às vezes, parte das vezes, não sabia se estavam doentes, se tinham morrido, não sabia nada.

A. É de vez em quando, de vez em quando ligo.

Eixo 2.

Pergunta 1- Como é que se conheceram?

F. Ui isso...

A. Também já não te lembras é? Este é...é um esquecido

F. Conheci-a no dia em que vim a Chaves para ir para Angola para me ir embora que a conheci. Depois dali, lá começamos a escrever-nos um ao outro.

A. E assim ficamos.

F. E assim ficamos até que nos casamos.

A. É. O nosso namoro foi de Angola para cá, para o continente. E depois veio, quando saiu, acabou a tropa, saiu e casamo-nos, estive para aí 2 ou 3 meses cá e casamo-nos...em setembro...dia 13 de setembro de 1964.

F. Estive nas casas dos montes, num patrão e depois de lá vim para aqui, eu e a mulher para esta quinta.

Pergunta 2- O que fez com que se terem encontrado se tornasse num laço?

A. Não sei, a gente não sabe, são coisas que acontecem, não é? Sei lá.

F. É a vida.

A. Como eu costumo dizer amor à primeira vista... sei lá. Não sei porquê realmente.

F. Da vizinhança damo-nos bem com todos, com uns mais do que com outros.

A. Ah bom dia e boa tarde com alguns e outros é mais um bocadinho.

F. E outros não.

A. Mas não quer dizer que a gente não se dá mal com ninguém... até à data.

F. A senhora M. tem os netos, é como sejam nossos filhos e netos. A mais velha que se eu fosse buscar ao autocarro, logo ela já sabia que a avó não vinha busca-la, que era eu.

A. É a vida.

Pergunta 3- O que pensam ter casado no outro?

A. O que é que havemos de pensar? Casamos e assumimos a nossa responsabilidade e ficarmos e continuamos. Assumimos a nossa responsabilidade de levar a vida um com o outro e viver como se pode. Às vezes melhor, outras vezes pior também. Com sempre, “não há bela sem senão”. Há sempre umas contrariedades. Agora já estamos velhos tudo corre bem.

Pergunta 4- Encontraram um no outro o que estavam à procura?

A. Imagino que sim, não sei [risos]

F. Imagino que sim, que a gente... andou muito tempo, mas pronto fiquemos. Agora demo-nos... às vezes berra ela e eu berro eu.

A. Agora não [risos]... quando era mais novos era mais difícil um bocadinho...agora não, já está tudo bem.

Pergunta 5- O que descobriram de novo no outro?

A. Sei lá... o que é que descobrimos? [risos] o que está à vista.

Pergunta 6- Houve algum momento particularmente difícil na vossa relação? Como o enfrentaram?

A. Às vezes...sim houve algumas... porquê já sabe a vida é muito difícil. Nós não tínhamos ordenados, não tínhamos nada e depois como diz o ditado “diz que em casa

onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”. Uma pessoa custa mais um bocadito mas... oh, enfrentamos poupando muito e trabalhando e passando algumas às vezes. Nunca fiquei, nunca fui a um comércio buscar nada fiado. Não tinha não comia, governávamo-nos com o que tínhamos em casa. E assim vivemos a nossa vida sempre.

F. Fizemos esta barraca com o suor do nosso rosto.

A. Nunca deixamos os miúdos passar fome. Não tinham mimos como agora têm muitos, mas pãozinho e batatinhas... o que a casa dava nunca lhe faltou, felizmente, mas apertamos muito.

F. Apertemos muito para fazer esta casa.

A. Ou se ganhava... se tinha 20 escudos eu governava-me com aqueles 20 escudos, mas se tivesse 10, também me governava com eles. Era assim.

F. A gente apertava um bocadinho.

A. Nunca, nunca, nunca fui a lado nenhum, pois venda-me isto que eu amanhã ou passado venho pagar. Porque eu pensava, se eu não tenho para ir buscar o que me faz falta, pois como vou ter amanhã para pagar o que me faz falta e o que já estou a dever. Fui sempre... levei sempre isso em conta... sempre, sempre, sempre. E é a vida, fui assim habituada. Davam-me, quando estava a servir que era miúda, davam-me 5 escudos para eu ir à festa ou dois e quinhentos ou isso, eu não o gastava eu nem... eu guardava. Comecei logo desde pequenina a comprar as coisinhas numa tendeira, comprar qualquer coisinha para o meu enxoval [risos]. É verdade. Logo assim a comprar as coisas e não gastava aquele dinheiro. É foi assim. Assim que me fui orientando, graças a Nosso Senhor. Temos esta barraquita... não está muito boa, mas olhe, para nós vivermos dá-nos muito bem [risos].

Pergunta 8.1- *Agora gostaríamos que falassem sobre o vosso encontro com as respetivas famílias de origem. Podem representar esse encontro através de episódios da vossa vida quotidiana, ou com metáforas ou imagens.*

A. A gente encontra-se... sei lá. Não temos assim grandes recordações de... ficam-nos as más. Uma vez fomos visitar os familiares e viemos de lá, posso dizer que viemos corridos à pedrada. O M. o meu cunhado e mais uns e tal, olhe, Jesus foi tamanho rebuliço que nós, vimos para casa, sabe Deus. Também nunca mais fui. Enquanto o meu sogro viveu, correu tudo bem, não faziam uma festa, não faziam um Natal, não faziam uma matança, não faziam nada que nós lá não estivéssemos. Nunca podíamos... tínhamos muitos miúdos, mas ele vinha-nos ajudar a levar, ele e um filho, levavam-nos às carraxulas, ao colo, como podiam. Desde que o meu sogro morreu foi tudo diferente. Fomos lá uma vez, juntámo-nos todos, eram pronto, estavam cá os da França e assim e andamos lá todos... nessa altura fizeram um reboiço, nós viemos embora... assim quase corridos...são essas recordações é que ficam...são as más...boas pouco ficaram [risos]. Quiseram-nos depois para pagar...para ajudar... é a vida. [risos]... mas isso não faz mal... “faz o bem, não olhes a quem”, “faz mal e guarda-te”... é isso.

F. Já passou e já lá estão arrumados.

A. E nós para lá vamos também...não tardará muito, não somos nós tão novos já. [risos]

F. A gente o que espera hoje...da idade que já estamos é isso.

A. Ai é.

Pergunta 8.2- *Comentem reciprocamente aquilo que o parceiro acabou de dizer a propósito do vosso encontro com a vossa família de origem.*

A. Não.

F. Não.

Pergunta 9- *Como vêem o vosso futuro de casal?*

- A. Os dois... os dois juntos até que consigamos viver...viver juntos, não é? Pode-nos dar alguma coisa que possamos ter que ir um para cada lado, não é? Mas imagino se algum dia meterem nalgum lar, nos levem aos juntos, para o mesmo sítio. Também não sei, mas tenho ideia que o meu filho não nos deixa sair daqui, mas em todo caso nunca se sabe, não é? Podem não poder.
- F. Como está solteiro, pode não poder, e a gente ter que ir para algum lado, mas ao menos que vamos juntos até ao fim da nossa vida...se puderem...se não puderem...

Eixo 3.

Pergunta 1- *Antes de começarem a vossa vida em conjunto, como imaginavam a vida familiar? Podem dar alguns exemplos de como imaginavam?*

- A. Imaginávamos como vimos os nossos, não é? Eu imaginava como via os meus, mas pensei sempre que realmente ia ser melhor, não ía ter a sorte que teve a minha mãe.
- F. E é a vida.
- A. E lá foi, e fomos vivendo.

Pergunta 2- *Na realidade da vossa vida quotidiana, que imagens se realizaram e que imagens não se realizaram? Que aconteceu conforme imaginaram e que aconteceu de forma diferente?*

- A. Não sei... a gente vamos aceitando o que vem... conforme...
- F. Eu a primeira realidade foi arranjar uma casa para me poder meter, para não ter que andar sempre com a tenda às costas.
- A. E felizmente está realizada e pronta.

F. Início, os meus pais não fizeram e podiam ter feito e não fizeram. Venderam o que tinham e ficaram desprotegidos de tudo. Andavam sempre com a tenda às costas.

A. É a vida, nós temos outra...

Pergunta 3.1- *O que consideram importante transmitir aos vossos filhos? Que valores? Que modelos de vida?*

A. Levar a vida honradamente e não... darem-se sempre todos bem uns com os outros. Para mim é o que é mais importante. Trabalharei para poderem viver, mas que não haja problemas uns com os outros... que se entendam todos uns com os outros.

F. É o nosso viver.

A. Maior alegria, a minha maior alegria é saber que eles se dão uns com os outros. Tenho 2 ou 3 na Suíça... quando sei que se juntam eu fico toda satisfeita. É verdade.

F. Também temos tido as nossas dificuldades. Ao marido também lhe cortaram a perna, a uma.

A. Dificuldades...têm as doenças deles e têm claro, têm...

F. Têm tido as doenças deles, também não é vida... a minha filha foi mais para lá para ver estudar os filhos. Trás os dois em Braga, na universidade... também já não é... é ela sozinha a trabalhar.

A. Agora é.

F. Agora é que o marido está doente também... tem um tumor maligno na garganta e é assim a vida.

Pergunta 3.2- *Tem alguma relação também com o que recebeu dos vossos pais?*

A. Sim. Eu sim... o meu pai e a minha mãe nunca nos...o meu pai se aparecessem umas couves em casa para fazer uma sopa, tinha que saber de onde vieram...não nos deixava... podíamos ter fome, mas mexer numa cereja, num figo, numa coisa que fosse das vizinhanças, não. E é o que eu transmiti aos meus também. Aquilo não é nosso, não se quer.

F. Eu igual menina.

Pergunta 4- *Pensam ter conseguido passar esses valores e modelos de vida? Que poderia ter sido um obstáculo? Que poderia ter sido um recurso?*

A. Eu imagino que sim.

F. Imaginamos que sim... agora eles é que sabem a vida deles.

A. Sim, eles não... ninguém dá queixa deles, nem têm problemas uns com os outros...lá se dão melhor uns com um ou com outro, melhor do que...

F. Há um que é assim um bocadinho mais rebelde, mas...

A. Mais um bocadinho, mas...

Pergunta 5- *Pensem nos vossos filhos (no caso de ser mais que um). A quem saíram e o que têm de específico deles mesmos?*

A. Sei lá [risos]. Que eles têm? Sei lá o que hei-de dizer..., mas eu para mim, não sei. Uma pessoa vê os todos os dias...parece sempre o mesmo... vê-os enquanto são pequeninos, agora não. Eu para mim, eles seguiram os nossos exemplos...imagino eu...tenho um que se casou, esteve 9 anos sem vir a casa e agora...

F. Olhe que não apareceu aqui, e aqui casado, na aldeia.

- A. Eram 9...casou 9 anos...um dia, tinha aqui o mais novo em casa e disse e era feira...disse para o B. “levas-me à cidade, quero ir levantar dinheiro, quero fazer algumas compras” ...diz “que eu tenho ideia que o P. este ano vem de férias e que vem cá a casa... não é que no mesmo dia ele me aparece aqui. Fui para a feira, vim da feira, fiz o almoço...estava a acabar de arrumar a cozinha e aparece-me ele.
- F. A mim apanhou-me no caminho...vinha para casa, vinha da Veiga com o cavalo...vejo parar uma carrinha à minha frente, “mas o gajo está burro, para se meter à minha frente” ...sai ele, então, ele e os filhos, e os netos vá.
- A. Entram os filhos por ali a dentro a deitarem-se para mim, como se me conhecessem de toda a vida.
- F. Esse anda maluco, quer que vamos lá à França.
- A. Agora vêm, telefona-me nos anos, telefona-me muitas vezes e eu telefono para ele e quando vem, vem, pronto..., mas eu fiz de conta que também nada se passou... também não mexi mais... uma vez o meu B. o mais novo ainda quis... e eu disse assim “Oh B. o que passou, passou”. Pronto o que passou, passou... já não pioram mais nada um com o outro [risos]. É verdade.
- F. O meu mais novo é pronto. É bom rapaz, mas se o picaram tem um temperamento que é preciso ter...
- A. Como ele também, o P.
- F. Como o outro também vá. Tenho outro divorciou-se... andou aí aos tombos.
- A. E lá anda.
- F. E lá anda aos tombos.

- A. Um dia com uma mulher, outro dia com outra e lá anda... faz a vida dele... diz que não... não nos envergonha em lado nenhum porque diz, ninguém dá queixa dele... de resto pronto... apanhou uma depressão quando foi... mas nunca se quis tratar... que não era nenhum maluco... pronto, deixa-te andar... Lá foi para a França, lá andou, lá andou... foi pra Guadalupe, já veio, agora está outra vez em Paris... ele está... esteve aqui na Páscoa, apareceu aí, “oh mãe se puder, se calhar na Páscoa vou aí, mas é só se puder”... e dois ligou-me...
- F. Engraçado é que nós estávamos aqui a comer e ele entra pela porta a dentro e a dizer à mãe que estava não sei a onde.
- A. A telefonar, não me disse que estava... diz “e então já fizeste o folar” e eu “eu não” ... diz “então estás em casa, não?” ... diz “não, hoje o patrão deu-nos folga”. Não demorou 5 minutos entrou-me em casa [risos].

Pergunta 6- O que causou maior dor e o que deu maior confiança e esperança na vida familiar?

- A. Maior dor? Maior dor for perdermos a família... os pais. Para mim foi. É a vida. A esperança é a esperança que a gente tem no futuro, nos filhos e nos netos.
- F. É tudo.

Encerramento

Juntamente com os meus agradecimentos pela vossa participação, gostaria que expressassem os vossos pensamentos sobre a entrevista. O que vos tocou mais em termos positivos e negativos? Como se sentiram em relação à minha presença? Gostariam de fazer quaisquer sugestões?

- A. Muito obrigada. Por mim está tudo bem.
- F. Muito obrigada, por mim também está tudo bem.

Anexo II. Consentimento Informado

Consentimento Informado

Título do projeto: A relação entre avós e netos na doença dos avós. Uma perspectiva Relacional-Simbólica.

Investigadora: Ana Carvalho (anaccarvalho1991@gmail.com)

Sob a Orientação do Prof. Doutor Ricardo Peixoto

No âmbito da realização da dissertação de mestrado do 2.º ciclo de Psicologia Clínica e da Saúde, vim por este meio pedir a vossa excelência a colaboração para participar num estudo intitulado “A relação entre avós e netos na doença dos avós. Uma perspectiva Relacional-Simbólica”.

Objetivo de estudo

O presente estudo objetiva compreender a relação que os avós mantêm com os seus netos no caso em que um dos avós do casal padeça de uma doença crónica derivada do processo de envelhecimento.

Instrumentos

Para a realização do estudo será realizada uma entrevista. Pretendemos através da realização desta entrevista, recolher informação junto de um casal idoso, em que o senhor padeça de uma doença crónica derivada do processo de envelhecimento, sendo que consideramos que as doenças ideais para a realização do estudo seriam uma Demência (ainda em fase inicial, de forma a que o senhor consiga responder à entrevista e recordar factos passados) ou Parkinson. Neste sentido, não conseguimos de momento determinar nem prever o número de horas requeridas na colaboração desta investigação, contudo, o horário e a data serão sempre previamente combinados com os participantes e a instituição.

Para a realização da respetiva entrevista torna-se essencial a existência de condições de conforto e qualidade, nas quais salientamos um lugar sossegado, onde não existam barulhos que possam perturbar a realização da entrevista, luminoso, com temperatura agradável e não suscetível a interrupções.

Duração prevista

Não é possível de momento determinar precisamente a duração necessária para a realização do estudo. Não obstante, o número de horas bem como as respetivas datas serão previamente acordadas com os participantes e a instituição.

Riscos e desconfortos

Não se prevê qualquer tipo de risco ou desconforto decorrente da participação deste estudo.

Vantagens ligadas à participação

Para os participantes em questão, este estudo pode resultar não só num momento de reflexão acerca da sua história de vida pessoal, mas também no conhecimento das suas próprias dinâmicas e relações familiares, permitindo desta forma uma tomada maior de consciência das mesmas. Tudo isto poderá levar a um ajustamento das relações e dinâmicas familiares e ao fortalecimento dos laços familiares.

Carácter confidencial das informações

A informação recolhida será efetuada de forma integralmente confidencial. Desta forma, somente um conjunto de investigadores terá acesso aos dados. Na conclusão do estudo, os participantes usufruem do acesso absoluto a todos os dados, assim como da informação do local onde estes serão devidamente guardados e sua durabilidade, sendo que posteriormente a um determinado período de tempo, os mesmos serão extintos

A confidencialidade de toda a informação será garantida, inclusivamente no desenrolar da transcrição, da análise dos dados e da transmissão dos resultados do estudo.

Participação voluntária e abandono ou exclusão do estudo

A participação no estudo é de carácter voluntário, permitindo que os participantes abandonem o mesmo a qualquer momento, sem obrigatoriedade de justificar a sua decisão e sem nenhum prejuízo indubitável. Os participantes podem ainda ser excluídos do estudo se

não seguirem os procedimentos previamente divulgados, se a sua participação na investigação proporcionar repercussões indesejáveis para o seu bem-estar, ou caso manifeste uma alteração consequente do seu estado que possibilite a exposição a um risco particular. Caso seja essencial a implementação de novas indicações que possibilitem a reconsideração por parte dos participantes em relação a sua participação no estudo, os mesmos serão comunicados.

Contatos

Caso seja necessário algum esclarecimento relativamente a informações complementares sobre o presente estudo, bem como se optar por desistir do mesmo, por favor contacte a investigadora responsável acima referida onde é fornecido o respetivo email.

Investigadora: Ana Carvalho

Sob a Orientação do Prof. Doutor Ricardo Peixoto

Título do estudo: “A relação entre avós e netos na doença dos avós. Uma perspetiva Relacional-Simbólica”.

Reconheço que os procedimentos de investigação descritos no formulário aqui junto, de que possuo uma cópia, me foram explicados e que me responderam a todas as minhas questões de forma satisfatória. Compreendo igualmente que tenho o direito de colocar, agora e durante o estudo, qualquer questão sobre o estudo, a investigação ou os métodos utilizados. Asseguraram-me da minha confidencialidade.

Pelo presente, consinto que a minha entrevista seja gravada em áudio durante a minha participação neste projeto de investigação.

Compreendo que caso queira desistir do estudo, poderei fazê-lo, uma vez que a identidade não será revelada.

Pelo presente documento, eu _____
_____ aceito participar plenamente neste estudo.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Anexo III. Codificação da Entrevista

E1P1A	<ul style="list-style-type: none"> - Fui servir com 10 anos para casa de outros senhores [...] tomar conta de crianças. - Além das crianças, fazia-se tudo que era preciso, e assim estive [...] sempre nesse serviço até aos 23 anos que me casei [...] -Depois continuei a minha vida [...] ter filhos, trabalhar em casa, trabalhar no campo. - E continuou, continuámos no mesmo. -Os dois sempre juntos - Tivemos 9 filhos, temos 7, morreram 2 em pequenos. - Fomos vivendo depois ajudamo-los a sobreviver na velhice (E1P2) - O meu pai não que o meu pai morreu tinha eu 18 anos (E1P2) - Mas a minha mãe ajudei-a a sobreviver e ajudei-a a criar os meus irmãos mais novos (E1P2) -E depois quando foi mais velhinha estava na minha casa (E1P2) - Somos 6 irmãos (E1P2). - Ele era moleiro, a minha mãe andava sempre a (acompanhá-lo) (E1P4). - [...] Por aí fora a colher centeios para moer e a minha mãe andava aqui de volta com ele, com um animal (E1P4). - E a minha mãe levava à cabeça, levava as coisas, acarrava tudo às costas (E1P4). - Só ele é que diz (refere-se ao filho que vive com ela e com o marido) que não estamos em idade de ficarmos sozinhos e pronto aí está (E1P4). - [...] Depois dos 10 anos vivi sempre à minha custa. (E1P5) - E ainda a ajudar os outros (E1P5). - Nunca fui à escola (E1P5). -Andei para a escola para aí uns 4 ou 5 meses...estou que nem tanto porque fui obrigada, mas já estava a servir (E1P5) - [...] uma pessoa estava a servir tem que fazer o trabalho, não vem para a escola (E1P5). - Pois aprendi a fazer o meu nome, aprendi a conhecer as letras, comecei a escrever e a juntar as letras [...] (E1P5). - [...] quando estava a servir que era miúda, davam-me 5 escudos para eu ir à festa ou dois e quinhentos ou isso, eu não o gastava... eu guardava. (E2P6). - Comecei logo desde pequenina a comprar umas coisinhas numa tendeira, comprar qualquer coisinha para o meu enxoval. (E2P6)
E1P1F	<ul style="list-style-type: none"> - Andei a guardar ovelhas [...] - E depois fui para a tropa, para o serviço militar, estive no ultramar e vim e casei-me [...]

	<ul style="list-style-type: none"> - Fomos para o mesmo trabalho. - Agora vivemos um com o outro (E1P4). - Temos um filho cá em casa (E1P4). - No monte com um rebanho de cabras (E1P5). - Ía para o monte e andava todo o dia, de manhã à noite (E1P5). <p>Cheguei a guardar 60 cabeças de gado no monte, eu sozinho (E1P5).</p> <ul style="list-style-type: none"> - [...] Os meus pais não fizeram e podiam ter feito e não fizeram (refere-se a uma casa) (E3P2). - Venderam o que tinham e ficaram desprotegidos de tudo (E3P2). - Andavam sempre com a tenda às costas (E3P2).
E1P1F_A	<ul style="list-style-type: none"> - A mãe ficou [...] é ela sozinha, morreu o pai dele, já morreu há trinta e tal anos (E1P2) - Morreu em 75 o pai dele também (E1P2) - Depois ficou a mãe sozinha (E1P2) - Ele lá ajudou como pôde também, ele e os irmãos (E1P2) - E depois quando ficou mais velhinha claro ficou só num dos irmãos e nós ajudávamos como podíamos (E1P2) - Batia muito nos filhos (refere-se à mãe do marido) (E1P4) - Ela ía para o campo... trabalhar com a enxada como os homens, como os irmãos, como o pai...chegava a casa e tinha que fazer as coisas de casa (E1P4).
E1P2A	<ul style="list-style-type: none"> - Na minha casa era o Natal. -[...] Na noite de Natal tínhamos que estar sempre todos juntos [...] -Mas quando era a noite de Natal, ainda que os patrões pedissem que fosse, que era preciso ficar, ele (pai) não deixava [...]
E1P2F	<ul style="list-style-type: none"> - Eu quase igual ao dela. -Comia nessa noite de “nomeadas”
E1P4A	<ul style="list-style-type: none"> - Era o meu pai. -Ele é que fazia isso, claro. - A minha mãe muitas vezes ía ajudar os vizinhos e ía ajudar os vizinhos a trabalhar no campo e não comia nada na casa dos senhores, tinha que vir para casa. - Ele queria ali as pessoas e ali estavam, nem que não tivessem nada de comer em casa. Ela nem...coitada ía trabalhar nem sequer comia.
E1P4F	<ul style="list-style-type: none"> - Era a minha mãe. -Mandava mais ela do que ele (E1P5)
E1P4F_A	<ul style="list-style-type: none"> - A mãe dele era mais rígida. -Se o pai lhe ralhava depois estava sempre a assinar. - E o teu pai recebia e também não o via (E1P5) -A tua mãe é que ela que governava as coisas (E1P5).
E1P5A	<ul style="list-style-type: none"> - Somos muito unidos e com a minha mãe também e

	<p>com o meu pai também.</p> <p>-Mas normalmente eu gostava muito do meu pai, mas quando morreu eu não senti nada que ele morresse. Não senti nada, nem me deu vontade de chorar nem nada, porque pronto fez muitas.</p> <p>-Nunca me lembro da minha mãe me ter posto um dedo em cima para me bater.</p> <p>- O meu pai era muito rígido. (E1P2).</p> <p>-Batia-nos, dava-nos pancada muitas vezes (E1P2).</p> <p>- Era muito mau (E1P2).</p> <p>- Batia-nos muito, a mim e à minha mãe (E1P2).</p> <p>- Ele se tivesse só um ovo, ele, aquele ovo era dividido por todos (E1P2).</p> <p>- Era muito unido à família, mas tinha as suas coisas (E1P2).</p> <p>- Foi como foi criado (E1P2).</p> <p>- Às vezes ia (refere-se à mãe) a uma casa de alguém que lhe dava alguma coisa, ela partia um bocadinho de pão para comer, metia-o assim entre o seio para trazer para nós (E1P4).</p> <p>- E depois as pessoas, algumas, viam que ela fazia isso já lhe davam mais para nos trazer (E1P4).</p>
E1P5F	<p>- Os patrões pagavam, pagavam ao meu pai e eu não via mais o dinheiro.</p> <p>- Os meus irmãos em casa a comer bem, e eu a comer uma codinha de pão.</p> <p>-[...] a gente vinha para entrar em casa e a minha mãe “ não entrais pela janela que ele está aí”...priorávamo-nos[...] (E1P4).</p> <p>- Eu e a minha mãe, porrada era a que viesse (E1P2)</p> <p>-Como era o mais velho era o que aguentava com as buxas todas (E1P2).</p>
E1P5F_A	<p>- E estava sempre a falar mal dos filhos e essas coisas todas, deste e daquele.</p> <p>- Ele ainda a ouviu muitas vezes quando os íamos visitar.</p>
E1P6A	<p>- Com a nossa família, eu não aprendi nada com ninguém.</p> <p>-Aprendemos, ou pelo menos aprendi à minha custa.</p> <p>-Fui para o casamento sem saber nada e consegui olhe.</p> <p>-A relação deles (dos pais), eu para mim era sempre a mesma história, sei lá, trabalhar e receberem, ralharem um com o outro e levar pancada e pronto.</p> <p>-Antigamente ninguém dizia nada.</p> <p>-Eu não aprendi nada com os meus pais.</p>
E1P6F	<p>- Quando tal andava a minha mãe ao pontapé na frente do meu pai e eu na frente dela.</p> <p>-Eu nada (problemas) nem com os meus irmãos nem com ninguém.</p>
E1P7A	<p>-Eu lembro-me que o meu pai era muito unido a uma irmã.</p> <p>-E falava muito nos primos.</p> <p>-Não eram pessoas de conviverem assim uns com os</p>

	<p>outros.</p> <p>-Com a família da minha mãe a mesma história porque não estava aqui ninguém.</p> <p>-Lembro-me de um tio meu, lembro-me de ele morrer.</p> <p>-A minha mãe tinha duas irmãs em Lisboa...lá vinham cá de vez em quando visitar e pronto.</p> <p>- E com as primas quando elas cá vinham visitar víamo-nos.</p>
E1P7F	<p>- A minha família de origem, com uns dava bem com outros não.</p> <p>- O meu avô conheci-o, mas ele estava na França.</p> <p>- Tinha umas tias em Lisboa que vinham cá, mas só no Verão e de visita.</p> <p>-Tenho lá uns primos em Barroso.</p> <p>-Víamo-nos a cada passo uns aos outros.</p>
E1P7F_A	<p>- É a tua avó, o teu tio e ...</p> <p>-É a tia E. com quem ele esteve algum tempo em Barroso.</p> <p>- É a via, mas davam-se.</p>
E2P1	<p>- Conhecia no dia em que vim a Chaves para ir para a Angola para me ir embora.</p> <p>-Depois dali, lá começamos a escrever-nos um ao outro</p> <p>-O nosso namorar foi de Angola para Cá, para o continente.</p> <p>-E depois veio, quando saiu, acabou a tropa, saiu e casamo-nos.</p> <p>-Esteve para aí dois ou três meses cá e casamo-nos.</p>
E2P2	<p>- Não sei, a gente não sabe, são coisas que acontecem.</p> <p>- É a vida. (F)</p> <p>- Como eu costumo dizer amor à primeira vista.</p>
E2P3	<p>- Casamos e assumimos a nossa responsabilidade e ficamos e continuamos. (A)</p> <p>-Assumimos a nossa responsabilidade de levar a vida um com o outro e viver como se pode. (A)</p> <p>- Às vezes melhor, outras vezes pior também. (A)</p> <p>- Há sempre contrariedades. (A)</p> <p>- Agora já estamos velhos corre tudo bem.</p>
E2P4	<p>- Imagino que sim. (A)</p> <p>- Imagino que sim, que a gente andou muito tempo, mas pronto ficamos. (F).</p> <p>- Às vezes berra ela e eu berro.</p> <p>- Agora não, quando eramos mais novos era mais difícil um bocadinho...agora não, já está tudo bem.</p>
E2P5	<p>- Sei lá [...] o que está à vista. (A)</p>

E2P6	<ul style="list-style-type: none"> - Sim houve algumas, porque já sabe a vida é muito difícil. - Nós não tínhamos ordenados, não tínhamos nada e depois como diz o ditado “diz que em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”. - Uma pessoa custa mais um bocadito, mas [...]. - Enfrentamos poupando muito e trabalhando e passando algumas às vezes. - Nunca fiquei, nunca fui a um comércio buscar nada fiado. - Não tinha não comia. - Governávamo-nos com o que tínhamos em casa. - Fizemos esta barraca com o suor do nosso rosto. (F) - Nunca deixamos os miúdos passar fome. - Não tinham mimos como agora têm muitos, mas pãozinho e batatinhas...o que a casa dava nunca lhe faltou. - Apertamos muito para fazer esta casa. (F) - Ou se ganhava...se tinha 20 escudos eu governava-me com aqueles 20 escudos, mas se tinha 10, também me governava com eles. - A gente apertava um bocadinho. (F) - Nunca, nunca, nunca fui a lado nenhum, pois venda-me isto que eu amanhã ou passado venho pagar. - Porque pensava, se eu não tenho para ir buscar o que me faz falta, pois como vou ter amanhã para pagar o que me faz falta e o que já estou a dever.
E2P8.1	<ul style="list-style-type: none"> - Não temos assim grandes recordações de...ficam-nos as más. - Uma vez fomos visitar os familiares e viemos de lá, posso dizer que viemos corridos à pedrada. - Enquanto o meu sogro viveu corria tudo bem, não faziam uma festa, não faziam um Natal, não faziam uma matança, não faziam nada que nós não lá estivéssemos. - Nunca podíamos...tínhamos os miúdos, mas ele vinha-nos ajudar a levar, ele e um filho, levavam-nos às carraxulas, ao colo, como podiam. - Desde que o meu sogro morreu foi tudo diferente. - Fomos lá uma vez, juntámo-nos todos [...] nessa altura fizeram lá um reboição, nós viemos embora...assim quase corridos. - Já passou e já lá estão arrumados. (F)
E2P8.2	<ul style="list-style-type: none"> - Não. - Não.
E2P9	<ul style="list-style-type: none"> - Os dois... os dois juntos até que consigamos viver. (A) - Imagino se algum dia meterem nalgum lar, nos levem juntos para o mesmo sitio. (A) - Também não sei, mas tenho ideia que o meu filho não nos deixa sair daqui [...] (A) - Como está solteiro pode não poder.

	<ul style="list-style-type: none"> - E a gente ter que ir para algum lado, mas ao menos que vamos juntos té ao fim da nossa vida.
E3P1	<ul style="list-style-type: none"> - Imaginávamos como vimos os outros não é. - Eu imaginava como via os meus. - Mas pensei sempre que realmente ia ser melhor, que não ía ter a sorte que teve a minha mãe. - É a vida. (F)
E3P2	<ul style="list-style-type: none"> - Não sei, a gente vamos aceitando o que vem [...] (A) - Eu a primeira realidade foi arranjar uma casita para me poder meter, para não ter que andar sempre com a tenda às costas (F) - E felizmente está realizada e pronta. (A)
E3P3.1	<ul style="list-style-type: none"> - Levar a vida honestamente. - Darem-se sempre todos bem uns com os outros. - Trabalharemos para poderem viver. - Que não haja problemas uns com os outros. - É o nosso viver (F) - [...] A minha maior alegria é saber que eles se dão uns com os outros. - Tenho 2 ou 3 na Suíça...quando sei que se juntam eu fico toda satisfeita.
E3P3.2	<ul style="list-style-type: none"> - Sim. (A) - O meu pai, se aparecessem umas couves em casa, tinha de saber de onde vieram. (A) - Podíamos ter fome, mas mexer numa cereja, num figo, numa coisa que fosse da vizinhança, não. (A) - E é o que eu transmiti aos meus também. (A) - Aquilo não é nosso, não se quer. (A) - Eu igual. (F) - Eu não aprendi nada com os meus pais, mas nunca disse nada aos meus filhos, nem às minhas filhas de nada (E1P6A) - Uma pessoa não pode ensinar aquilo que não nos ensinaram a nós (E1P6A) - Sei lá como entrar em contacto com os filhos, dizer-lhe isto assim, isto passa-se assim, passa-se assado (E1P6A)
E3P4	<ul style="list-style-type: none"> - Eu imagino que sim. (A) - Imaginamos que sim...agora eles é que sabem a vida deles (F). - Ninguém dá queixa deles, nem têm problemas uns com os outros (A). - Há um que é assim um bocadinho mais rebelde, mas... (F) - Mais um bocadinho, mas...(A)
E3P5	<ul style="list-style-type: none"> - Sei lá. (A) - Uma pessoa vê-os todos os dias...parece sempre o mesmo. (A) - Eu para mim, eles seguiram os nossos exemplos. (A)

E3P6	<ul style="list-style-type: none"> - Maior dor foi perdermos a família. - A esperança é a esperança que a gente tem no futuro, nos filhos e nos netos. - É tudo (F).
------	---